

III. Análise das Actividades Médico-Veterinárias Desenvolvidas

A descrição e análise das actividades desenvolvidas têm como principal objectivo enunciar os casos clínicos por mim acompanhados em consulta.

Na realização do relatório de actividades Médico-Veterinárias desenvolvidas durante o estágio curricular, procedeu-se à divisão dos actos médico-veterinários resultantes destas consultas e ao seu registo nas áreas de Medicina Preventiva, Patologia Médica, Patologia Cirúrgica sendo também discriminadas as intervenções relativas a Meios Complementares de Diagnóstico e de Eutanásia.

No tratamento estatístico dos casos clínicos observados, atendeu-se à existência de diversas patologias concomitantes nos animais atendidos, sendo que n representa o número de ocorrências em cada área clínica e não o número real de animais. Para um tratamento estatístico mais pormenorizado e que traduza a realidade clínica do HVM, estão representados os três principais grupos de animais atendidos: canídeos, felídeos e animais exóticos (aves, mamíferos e répteis).

A determinação das incidências clínicas, baseia-se na fórmula estatística de cálculo das frequências relativas:

$$\text{Frequência Relativa (FR) (\%)} = [\text{N}^\circ \text{ de ocorrências} / \text{N}^\circ \text{ total de ocorrências}] \times 100$$

Em que N° total de ocorrências é n .

No HVM foram atendidos inúmeros animais diariamente.

Na impossibilidade de os acompanhar a todos, a casuística contabilizada refere-se apenas aos casos por mim seguidos, não traduzindo assim, a casuística real do HVM.

1. Áreas da Medicina Veterinária

No HVM foi possível acompanhar um total de 2149 animais. A área de maior expressão foi a dos Meios Complementares de Diagnóstico com 53,8%, seguida pela Patologia Médica (24%) e da Patologia Cirúrgica com 17,2%, como se pode observar na tabela 1 e gráfico 1.

Tabela 1. Distribuição da FR (%) por Áreas da Medicina Veterinária e da FR (%) por espécie; ($n_{HVM}=2149$), em que n representa o número total de ocorrências observadas.

Áreas da Medicina Veterinária	$n_{HVM}=2149$			
	FR (%)	FR (%) por Espécie		
		Canídeos	Felídeos	Exóticos
Medicina Preventiva	3,2	68,1	26,1	5,8
Patologia Médica	24,0	69,3	28,8	1,9
Patologia Cirúrgica	17,2	59,0	39,4	1,6
Meios Complementares de Diagnóstico	53,8	65,4	33,5	1,1
Procedimentos de Eutanásia	1,8	51,3	46,2	2,5
Total	100,0	65,1	33,3	1,6

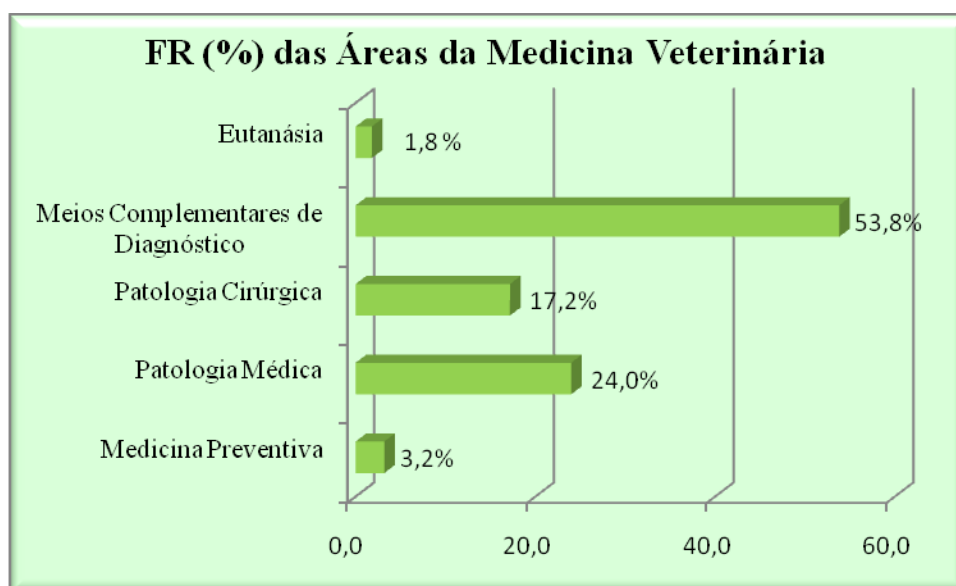


Gráfico 1. Distribuição da FR (%) por Áreas da Medicina Veterinária; ($n_{HVM}=2149$), em que n representa o número total de ocorrências observadas.

Após a análise da distribuição das diferentes espécies observadas (gráfico 2), são os canídeos a espécie com maior representatividade (65,1%), seguido dos felídeos e dos exóticos, com 33,3% e 1,6% respectivamente.

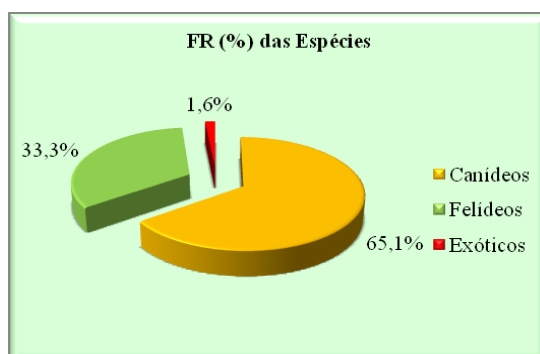


Gráfico 2. Distribuição da FR (%) das espécies; ($n_{HVM}=2149$), em que n representa o número total de ocorrências observadas.

Apesar de representar apenas 1,6 % dos casos observados, a diversidade de animais exóticos que pude acompanhar foi relevante, sendo a prevalência de cada um dos grupos comparada no gráfico 3. Assim, os papagaios foram o grupo com maior presença nas consultas de exóticos (30%), sendo que animais como Jibóia, Tartaruga, Tigre, Periquito e Faisão foram o grupo com menor prevalência (5%).

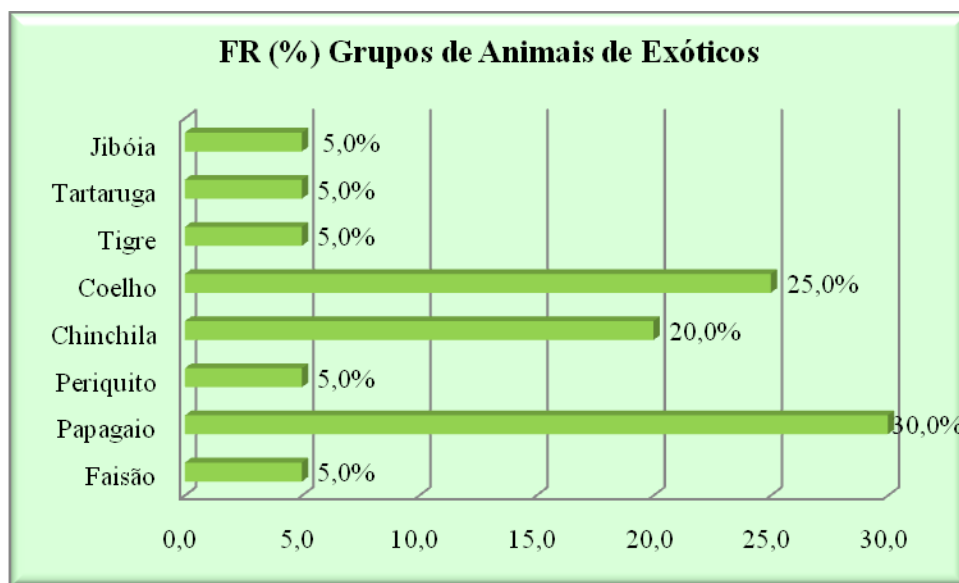


Gráfico 3. Distribuição da FR (%) por Grupos de Exóticos; ($n_{HVM}=20$), em que n representa o número total de ocorrências observadas nas áreas da medicina preventiva, patologia médica e patologia cirúrgica.

No gráfico 3 os diferentes grupos foram denominados de acordo com a sua designação vulgar, não foram incluídos os exames complementares de diagnóstico nem os procedimentos de eutanásia.

1.1 Medicina Preventiva

A Medicina Veterinária Preventiva estuda os factores que contribuem para a instalação, manutenção e disseminação das doenças nos animais, seus mecanismos de transmissão e as medidas utilizadas para o seu controlo.

Como observado na tabela 2 e gráfico 4, a Vacinação frente às doenças infecto-contagiosas - imunização activa – foi o acto médico de maior representatividade (34,5%), mais especificamente, o Reforço Anual com 21,6% e a Primovacinação com 12,9%.

É de salientar que a Desparasitação tem também elevada expressividade com 31,9%, em que 19,0% ocorre em animais adultos, 8,6% em jovens e 4,3% em fêmeas gestantes. Menos expressiva é a Prevenção da Dirofilariose com 4,3%, associada com a

baixa incidência desta parasitose nesta altura do ano, pelas baixas temperaturas ocorridas no Porto, o que diminui a actividade do insecto vector e a necessidade de campanhas de informação acerca desta doença, neste sentido. Os canídeos representam a espécie com maior incidência (68%) nestas consultas.

Tabela 2. Distribuição da FR (%) da actividade desenvolvida em Medicina Preventiva e da FR (%) por espécie; ($n_{HVM}=69$), em que n representa o número total de ocorrências observadas.

Medicina Preventiva		n _{HVM} = 69				
		FR (%)		FR (%) por espécie		
				Canídeos	Felídeos	Exóticos
Certificado de Sanidade		11,9		100,0	0,0	0,0
Identificação Electrónica		17,4		95,2	4,8	0,0
Prevenção da Dirofilariose		4,3		100,0	0,0	0,0
Vacinação	Primovacinação	12,9	34,5	46,7	20,0	33,3
	Reforço anual	21,6		52,0	48,0	0,0
Desparasitação	Adultos	19,0	31,9	45,5	50,0	4,5
	Jovens	8,6		70,0	30,0	0,0
	Fêmeas gestantes	4,3		80,0	20,0	0,0
Total		100,0		68,0	26,8	5,2

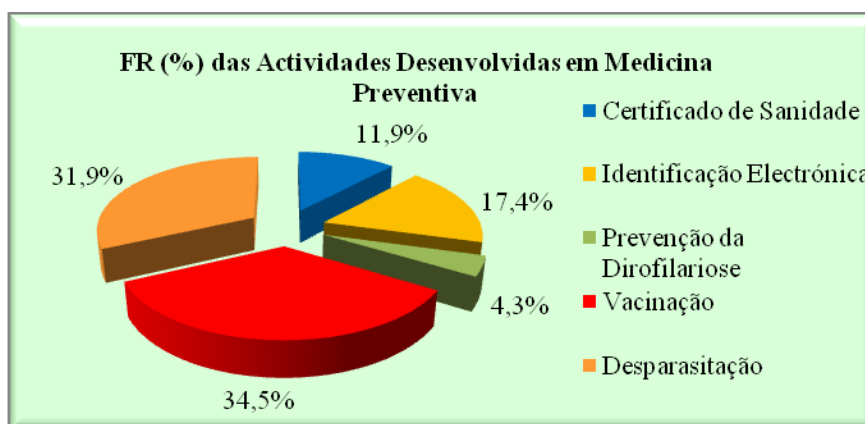


Gráfico 4. Distribuição da FR (%) das actividades desenvolvidas em Medicina Preventiva; ($n_{HVM}=69$), em que n representa o número total de ocorrências observadas.

1.1.1 Vacinação

A vacinação é o método mais eficaz para a prevenção de doenças infecto-contagiosas nos animais. Compete ao Médico Veterinário exercer esse acto clínico, e definir a frequência das revacinações.

1.1.1.1 Plano Vacinal de Canídeos

Nesta espécie, o plano vacinal inicia-se entre as 6 e as 8 semanas, altura em que se sucede o desmame dos cachorros e posterior separação da progenitora. Idealmente é por esta altura que lhes é administrada a primeira inoculação, contudo o plano vacinal

seguido irá depender da idade do animal e da(s) vacina(s) administrada(s) anteriormente. Convencionalmente a primovacinação inicia-se às 8 semanas.

O plano vacinal de canídeos praticado no HVM desde as 6 semanas é apresentado na tabela 3.

Tabela 3. Plano Vacinal de Canídeos com 6 semanas de idade, seguido no HVM.

Idade	Plano Vacinal	Valência	Cobertura	Nome Comercial da Vacina
6 semanas	1ª Inoculação	Bivalente	- Parvovirose - Esgana	Novibac puppy ^{DP} ®
8 semanas	1ª Inoculação	Polivalente	- Adenovirose - Esgana - Leptospirose - Parainfluenza - Parvovirose	Eurican CHPPi2-L®
12 semanas	1º Reforço da inoculação aplicada às 8 semanas	Polivalente	- Adenovirose - Esgana - Leptospirose - Parainfluenza - Parvovirose	Eurican CHPPi2-L®
16 semanas	2º Reforço da inoculação aplicada às 8 semanas	Polivalente	- Adenovirose - Esgana - Leptospirose - Parainfluenza - Parvovirose	Eurican CHPPi2-L®
20 semanas	1ª Inoculação	Monovalente	- Raiva	Rabigen Mono®
Anual (1 ano após o reforço inoculado na 16ª semana)	Reforço	Polivalente	- Adenovirose - Esgana - Leptospirose - Parvovirose - Raiva	Hexadog®

Nos animais adultos assistidos em consulta e cujo estado vacinal é desconhecido, procede-se à administração da vacina correspondente ao reforço anual. A vacinação contra a rinotraqueíte infecciosa canina “tosse de canil”, não fazendo parte do plano vacinal, é recomendada ao proprietário do animal pela elevada taxa de contágio da infecção. Situações de exposição dos canídeos a locais com elevada densidade populacional (centros de treino, hotéis, dias de caça, exposições, feiras, parques, praças, abrigos e lojas de animais) são a principal razão da implementação desta vacina que pode ser administrada a partir das 6 semanas de idade (Tabela 4).

Tabela 4. Plano Vacinal da rinotraqueíte infecciosa canina, seguido no HVM.

Plano Vacinal Rinotraqueíte Infecciosa Canina	Valência	Cobertura	Nome Comercial da Vacina
1ª Inoculação	Bivalente	- <i>Bordetella Bronchiseptica</i> - Parainfluenza	Pneumodog®
1º Reforço (1 semana após 1ª inoculação)	Bivalente	- <i>Bordetella Bronchiseptica</i> - Parainfluenza	Pneumodog®
2º Reforço (6 meses após data da 1ª inoculação)	Bivalente	- <i>Bordetella Bronchiseptica</i> - Parainfluenza	Pneumodog®

É de salientar, que esta vacina é administrada pelo menos 15 dias antes da exposição do animal à situação de risco para uma eficaz imunização. Para manutenção da eficácia desta vacina, é indispensável o reforço da mesma a cada 6 meses (com início na data da 1ª inoculação).

1.1.1.2 Plano Vacinal de Felídeos

O Plano Vacinal de Felídeos inicia-se às 8 semanas de idade, contudo no HVM o protocolo seguido depende do *habitat* do animal: interior ou exterior. Na Tabela 5 é representado o plano vacinal seguido em animais de interior.

Tabela 5. Plano Vacinal de Felídeos de interior com 8 semanas de idade, seguido no HVM.

Idade	Plano Vacinal	Valência	Cobertura	Nome Comercial da Vacina
8 semanas	1ª inoculação	- Trivalente	- Calicivirus - Herpesvirus - Panleucopénia	Feligen CRP ®
12 semanas	Reforço (1 ano após a data da inoculação aplicada às 8 semanas) + 1ª inoculação para raiva	- Trivalente + - Monovalente	- Calicivirus - Herpesvirus - Panleucopénia + - Raiva	- Feligen CRP ® + - Rabigen Mono
Anual	Reforço (1 ano após a data da inoculação aplicada às 12 semanas) + 1ª inoculação para raiva	- Trivalente + - Monovalente	- Calicivirus - Herpesvirus - Panleucopénia + - Raiva	- Feligen CRP ® + - Rabigen Mono

Para animais com acesso ao exterior, o protocolo vacinal é diferente. A vacina da leucemia felina não sendo obrigatória, é administrada apenas em casos em que o contacto com outros felídeos é uma constante, assim:

- 16 semanas- Realização do teste rápido Witness FeLV®, se resultado negativo, procede-se à administração da vacina contra o vírus da leucemia felina (Leucogen ®)

- 20 semanas- Reforço da vacina administrada às 16 semanas (Leucogen®).

1.1.1.3 Plano Vacinal de Exóticos

O esquema vacinal seguido no HVM em Leporídeos referente à Primovacinação, realiza-se às 8 semanas de idade contra a doença hemorrágica viral (Cunical®) e após 6 meses contra a Mixomatose (Lyomyxovax®), com revacinações anuais e semestrais respectivamente.

Como breve nota conclusiva do sub-capítulo “Vacinação” apresenta-se a tabela 6 que descreve a percentagem de cada tipo de Vacina aplicada por espécie.

Tabela 6. Distribuição da FR (%) de cada Vacina (nome comercial) por espécie; ($n_{HVM}=45$) em que n representa o número total de ocorrências observadas.

Espécie	Nome Comercial Vacina	FR (%)	$n_{HVM}=45$
Canídeos	Novibac puppi DP	56,5	8,7
	Eurican CHPPi2-L		13,0
	Rabigen Mono		13,0
	Hexadog		17,5
	Pneumodog		4,3
Felídeos	Feligen CRP	30,5	4,5
	Leucogen		13,0
	Rabigen Mono		13,0
Leporídeos	Cunical	13,0	6,5
	Lyomyxovax		6,5
Total		100,0	100,0

Importante salientar que o n da tabela 3 representa o número total de imunizações no HVM e não o acto de vacinar em si, dado que durante o mesmo, podem ser administradas mais que um tipo de vacina. Assim, é justificada a discrepância de valores entre as tabelas 2 e 3.

1.1.2 Prevenção da Dirofilariose

A prevenção da Dirofilariose no HVM durante os meses em que decorreu o estágio não foi uma prática comum. Contudo era aconselhado aos proprietários de canídeos a colocação de coleiras de deltametrina (Scalibor®) e pipetas cutâneas de imidaclopride e permetrina (Advantix®). O método mais utilizado foi a administração anual de Moxidectina (Guardian SR injectável®) apenas nos animais cujo resultado do teste Witness Dirofilaria® previamente efectuado fosse negativo.

1.2 Patologia Médica

A Patologia Médica engloba um grande conjunto de entidades clínicas. Por este motivo achamos pertinente uma apresentação por diferentes áreas clínicas, com discriminação por espécie. É a área da Medicina Veterinária mais prevalente no HVM. Os diferentes casos clínicos acompanhados são agrupados em: Artrologia, Ortopedia e Traumatologia, Cardiologia, Dermatologia, Doenças Infecciosas, Doenças Parasitárias, Endocrinologia, Etologia, Gastroenterologia, Hematologia, Neurologia, Nutrição, Oftalmologia, Odontoestomatologia, Oncologia, Otorrinolaringologia, Pneumologia, Sistema Muscular, Teriogenologia, Toxicologia Clínica e Urologia.

Através da análise do gráfico 5, pode concluir-se que as áreas da Artrologia, Ortopedia e Traumatologia (18,3%), Gastroenterologia (8,7%) e a odontoestomatologia (8,7%) são as com maior representatividade. A área com menor expressividade é a Nutrição com 1,2%.

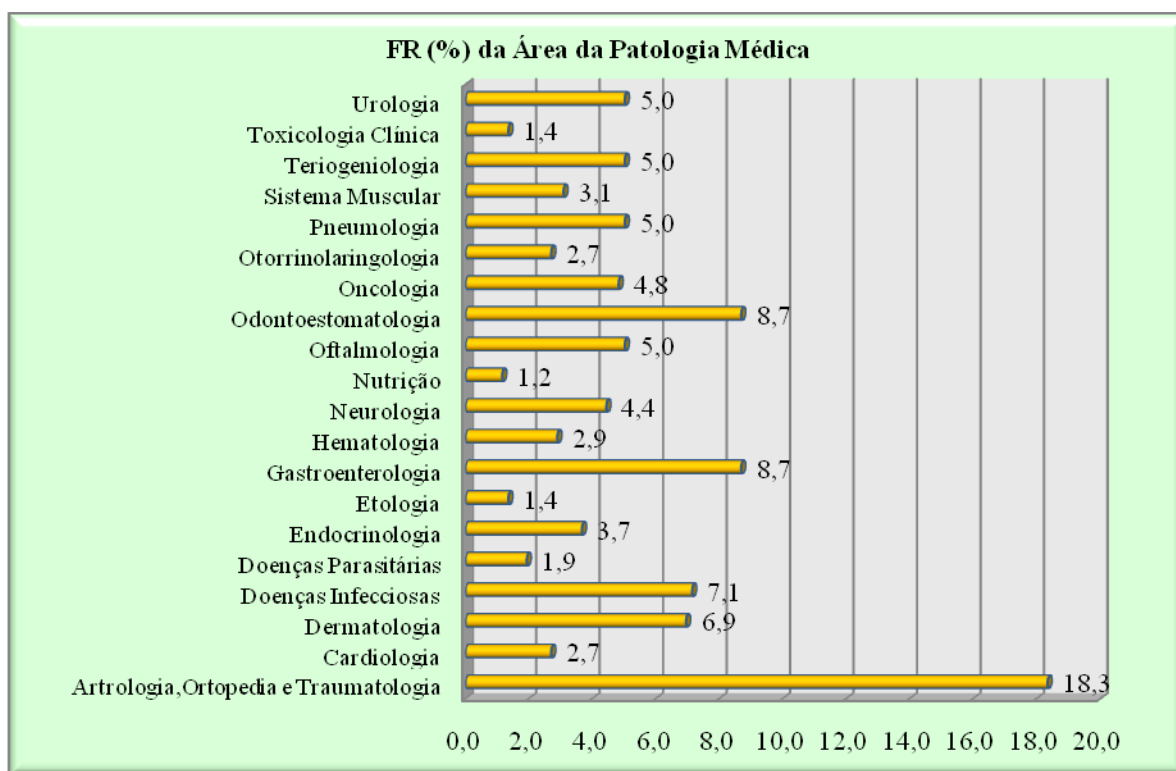


Gráfico 5. Distribuição da FR (%) da área da Patologia Médica; ($n_{HVM}=507$), em que n representa o número total de ocorrências observadas.

Relativamente à espécie que formou o(s) grupo(s) de pacientes na área de Patologia Clínica, a sua representatividade pode ser observada no gráfico 6. É evidente o predomínio dos canídeos (69,3%) sobre os felídeos (28,8%) e os exóticos (1,9%).

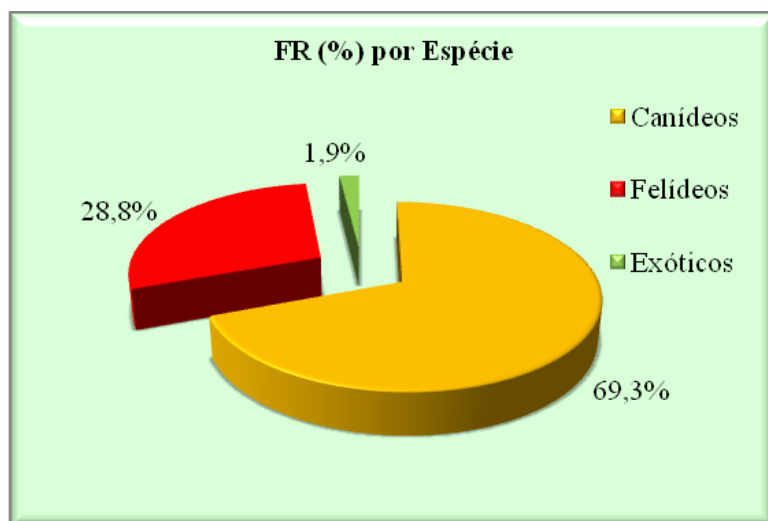


Gráfico 6. Distribuição da FR (%) por espécie; ($n_{HVM} = 507$), em que n representa o número total de ocorrências observadas.

1.2.1. Artrologia, Ortopedia e Traumatologia

A Artrologia, Ortopedia e Traumatologia é a área da Patologia Médica com maior percentagem de animais acompanhados.

As fracturas/fissuras, especificamente as do membro pélvico (fémur) em canídeos com 77,8% e em felídeos com 22,2% devem-se maioritariamente a atropelamentos, quedas de alturas elevadas, mordidas de outros animais e queda de objectos pesados.

A única entidade clínica ortopédica observada nos exóticos foi a fractura da mandíbula com 25% (Tabela 7).

Tabela 7. Distribuição da FR (%) da entidade clínica por região afectada na área da Artrologia, Ortopedia e Traumatologia e FR (%) por espécie; ($n_{HVM}=95$), em que n representa o número total de ocorrências observadas.

Artrologia, Ortopedia e Traumatologia				$n_{HVM}=95$			
Entidade Clínica	FR (%)	Região Afectada		FR (%)	FR (%) por Espécie		
					Canídeos	Felídeos	Exóticos
Artrite	1,1	Não infecciosa-erosiva	_____	1,1	100,0	0,0	0,0
Displasia	9,5	Anca	Unilateral	3,1	100,0	0,0	0,0
			Bilateral	5,3	100,0	0,0	0,0
		Cotovelo	Unilateral	1,1	100,0	0,0	0,0
Fractura/Fissura	65,3	Cintura Pélvica	Ísquio	1,1	0,0	100,0	0,0
			Púbis	1,1	0,0	100,0	0,0
			Íleo	1,1	0,0	100,0	0,0
		Coluna Vertebral (vértebras)	Torácicas	2,1	100,0	0,0	0,0
			Coccígeas	1,1	0,0	100,0	0,0
		Crânio	Mandíbula	4,2	50,0	25,0	25,0
		Membro Pélvico	Fémur	18,9	77,8	22,2	0,0
			Tíbia	6,3	83,3	16,7	0,0
			Fíbula	2,1	50,0	50,0	0,0
			Metatarsos	1,1	0,0	100,0	0,0
		Membro Torácico	Úmero	10,5	80,0	20,0	0,0
			Rádio	7,3	71,4	28,6	0,0
			Ulna	2,1	100,0	0,0	0,0
		Parede Torácica	Costelas	6,3	100,0	0,0	0,0
Lesão Artrósica	3,2	Lombosagrada	_____	2,1	100,0	0,0	0,0
		Sacroiliaca	_____	1,1	100,0	0,0	0,0
Luxação	7,4	Coxofemoral	Bilateral	2,1	100,0	0,0	0,0
			Unilateral	1,1	0,0	100,0	0,0
		Patelar	Bilateral	1,1	100,0	0,0	0,0
			Unilateral	3,1	100,0	0,0	0,0
Neoplasia	5,3	Osteosarcoma	Fémur	2	100,0	0,0	0,0
			Mandíbula	1,1	0,0	100,0	0,0
			Sacro	1,1	100,0	0,0	0,0
			Vértebras coccígeas	1,1	100,0	0,0	0,0
Crescimento ósseo anormal (<i>Carpus Valgus</i>)	1,1	Membro anterior	Bilateral	1,1	100,0	0,0	0,0
Ruptura Ligamentos	7,1	Articulação do Joelho	Cruzado Anterior	7,1	100,0	0,0	0,0
Total	100,0	Total		100,0	80,0	18,9	1,1



Figura 5. Radiografia de osteosarcoma no sacro e íleo de canídeo (projecção ventro-dorsal).



Figura 6. Radiografia de osteosarcoma nas vértebras coccígeas de canídeo (projecção latero-lateral direita).



Figura 7. Radiografia de ruptura do ligamento cruzado anterior em membro torácico direito (projecção latero-lateral direita).



Figura 8. Radiografia de *Carpus Valgus* em membro torácico direito (projecção latero-lateral direita).



Figura 9. Radiografia de fractura do fémur em membro posterior direito (projecção antero-posterior).



Figura 10. Radiografia de fractura da asa do íleo, ramo e sínfise púbica esquerda (projecção ventro-dorsal).

1.2.2 Cardiologia

Na área da Cardiologia, a Insuficiência Valvular é a entidade clínica mais frequente, em especial a insuficiência da mitral (28,6%). A Cardiomiopatia Dilatada é a segunda entidade com maior expressividade com 21,5%. Todas as ocorrências observadas são na espécie dos canídeos (Tabela 8).

Tabela 8. Distribuição da FR (%) da entidade clínica por característica na área da Cardiologia e da FR (%) por espécie; ($n_{HVM}=14$), em que n representa o número total de ocorrências observadas.

Cardiologia		$n_{HVM} = 14$			
Entidade Clínica	Característica	FR (%)	FR (%) por Espécie		
			Canídeos	Felídeos	Exóticos
Cardiomiopatia Dilatada	_____	21,5	100,0	0,0	0,0
Cardiomiopatia Hipertrófica	_____	14,3	100,0	0,0	0,0
Defeito do Septo Ventricular	_____	7,1	100,0	0,0	0,0
Derrame Pericárdico	_____	7,1	100,0	0,0	0,0
Insuficiência Valvular	Aórtica	14,3	100,0	0,0	0,0
	Mitral	28,6	100,0	0,0	0,0
	Tricúspide	7,1	100,0	0,0	0,0
Total		100,0	100	0,0	0,0



Figura 11. Radiografia de coração com cardiomiopatia dilatada em canídeo (projecção latero-lateral direita).



Figura 12. Ascite por insuficiência valvular tricúspide em canídeo.

1.2.3 Dermatologia

A Dermatologia representa a quarta área da Patologia Médica mais frequente e muitas vezes desafiante para o Médico-Veterinário devido a dificuldades no diagnóstico e no próprio cumprimento do tratamento pelo proprietário.

Nesta área é necessário recorrer muitas vezes a meios complementares de diagnóstico como o teste de *scotch* (teste da fita-adesiva) raspagens cutâneas, citologias por impressão ou por punção aspirativa por agulha fina, tricogramas, cultivos fúngicos e biópsias para análise histológica, para que se obtenham diagnósticos definitivos e fiáveis com vista a permitir ao clínico a prescrição de uma terapêutica eficaz. Algumas vezes a simples remoção de determinado componente da dieta do animal é suficiente para que o problema seja controlado, permitindo orientar o clínico para o diagnóstico correcto. A dermatite (30,6%) é a entidade clínica com maior representatividade nas consultas mais especificamente a dermatite por contacto e por *Malassezia pachydermatis*, ambas com 8,3%; seguem-se a atopia, as manifestações cutâneas de

endocrinopatias e a neoplasia com 8,3%. Os canídeos são a espécie com maior percentagem (77,8%) de ocorrências observadas (Tabela 9).

Tabela 9. Distribuição da FR (%) da entidade clínica por característica na área da Dermatologia e da FR (%) por espécie; ($n_{HVM}=36$), em que n representa o número total de ocorrências observadas.

Dermatologia				$n_{HVM}=36$			
Entidade Clínica	FR (%)	Característica	Região Afectada	FR (%)	FR (%) por Espécie		
					Canídeos	Felídeos	Exóticos
Abcesso cutâneo	2,8	_____	_____	2,8	100,0	0,0	0,0
Acariose	5,6	<i>Sarcoptes scabiei</i>	_____	2,8	100,0	0,0	0,0
		<i>Demodex canis</i>	_____	2,8	100,0	0,0	0,0
Alopécia Psicogénica	2,8	_____	_____	2,8	0,0	100,0	0,0
Atopia	8,3	_____	_____	8,3	66,7	33,3	0,0
Dermatite	30,6	Acral por Lamedura	_____	2,8	100,0	0,0	0,0
		Alimentar	_____	2,8	100,0	0,0	0,0
		Contacto	_____	8,3	100,0	0,0	0,0
		Dermatite Alérgica à Picada da Pulga (DAPP)	_____	2,8	100,0	0,0	0,0
		<i>Malassezia pachydermatis</i>	_____	8,3	66,7	33,3	0,0
		Etiologia desconhecida	_____	2,8	100,0	0,0	0,0
		Pododermatite	_____	2,8	100,0	0,0	0,0
Dermatofitose	2,8	_____	_____	2,8	0,0	100,0	0,0
Enfisema subcutâneo	2,8	Traumático	_____	2,8	100,0	0,0	0,0
Fístula	2,8	_____	Perianal	2,8	100,0	0,0	0,0
Impactação dos sacos anais	5,6	_____	_____	5,6	50,0	50,0	0,0
Manifestações Cutâneas de Endocrinopatias	8,3	Alopécia Simétrica Bilateral	Flanco	2,7	100,0	0,0	0,0
		Calcinose cutis	Abdómen	5,6	100,0	0,0	0,0
Manifestações Cutâneas de Leishmaniose	5,6	_____	_____	5,6	100,0	0,0	0,0
Neoplasia	8,3	Linfoma Cutâneo Epiteliotrópico	Face, Boca, Dorso e Abdómen	2,8	100,0	0,0	0,0
		Carcinoma das Células Escamosas	Nariz	5,5	50,0	50,0	0,0
Quisto Sebáceo	2,8	_____	_____	2,8	100,0	0,0	0,0
Seborreia	5,6	_____	_____	5,6	50,0	50,0	0,0
Soluções de continuidade	5,3	Traumática	_____	5,3	50,0	50,0	0,0
Total	100,0	Total		100,0	77,8	22,2	0,0



Figura 13. Dermatite Acral por lambedura em canídeo.



Figura 14. Dermatite por *Malassezia pachydermatis* em canídeo.



Figura 15. *Demodex Canis* em canídeo (ampliação 1000x).



Figura 16. Alopecia psicogénica em felídeo.



Figura 17. Alopecia por dermatofitose em felídeo.



Figura 18. Liquenificação em canídeo com Leishmaniose.

1.2.4 Doenças Infecciosas

Nesta área clínica, os felídeos são a espécie mais representada (75,7%). A doença infecciosa com maior incidência nesta espécie é a imunodeficiência felina (FiV) (27,0%), seguida da leucemia felina (FeLV) (24,3%). Os canídeos representam 24,3% dos pacientes atendidos devido a parvovirose (21,6%) e a esgana (2,7%) respectivamente (Tabela 10).

O diagnóstico da parvovirose, leucemia e imunodeficiência felina é passível de ser estabelecido mediante a realização de testes de diagnóstico rápido. No HVM, nos casos do FiV e do FeLV procedia-se também ao envio de soro sanguíneo para serologia, método utilizado apenas em casos que os resultados dos testes rápidos fossem duvidosos.

Tabela 10. Distribuição da FR (%) da entidade clínica na área das Doenças Infecciosas e da FR (%) por espécie; ($n_{HVM}=37$), em que n representa o número total de ocorrências observadas

Doenças Infecciosas	$n_{HVM}=37$			
	FR (%)	FR (%) por Espécie		
Entidade Clínica		Canídeos	Felídeos	Exóticos
Coriza (Infecciosa)	10,8	0,0	100,0	0,0
Esgana	2,7	100,0	0,0	0,0
FeLV	24,3	0,0	100,0	0,0
FiV	27,0	0,0	100,0	0,0
Parvovirose	21,6	100,0	0,0	0,0
Peritonite Infecciosa Felina (PIF)	13,6	0,0	100,0	0,0
Total	100,0	24,3	75,7	0,0



Figura 19. Felídeo FiV e FeLV positivo com efusão pleural (toracocentese).



Figura 20. Canídeo com suspeita de esgana.

1.2.5 Doenças Parasitárias

A pulicose (30 %) é a doença parasitária mais frequente em canídeos (66,7%). Relativamente à endoparasitose, a leishmaniose (20%) é a parasitose com maior expressividade em todos os canídeos observados (Tabela 11).

Tabela 11. Distribuição da FR (%) da categoria por entidade clínica na área das Doenças Parasitárias e da FR (%) por espécie; ($n_{HVM}=10$), em que n representa o número total de ocorrências observadas.

Doenças Parasitárias				$n_{HVM}=10$			
Categoria	FR (%)	Entidade Clínica	Característica	FR (%)	FR (%) por Espécie		
					Canídeos	Felídeos	Exóticos
Ectoparasitose	60,0	Acariose	<i>Demodex</i>	10,0	100,0	0,0	0,0
			<i>Octodectes cynotis</i>	10,0	100,0	0,0	0,0
			<i>Sarcoptes scabiei</i>	10,0	0,0	100,0	0,0
		Pulicose	—————	30,0	66,7	33,3	0,0
Endoparasitose	40,0	Babesiose	—————	10,0	100,0	0,0	0,0
		Ehrlichiose	—————	10,0	100,0	0,0	0,0
		Leishmaniose	—————	20,0	100,0	0,0	0,0
Total	100,0	Total		100,0	80,0	20,0	0,0



Figura 21. Liquenificação em canídeo com Leishmaniose.

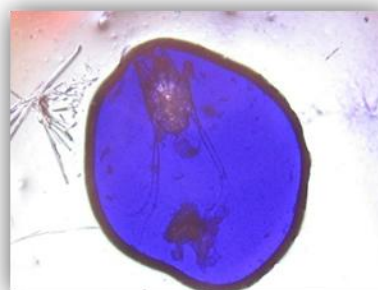


Figura 22. *Otodectes cynotis* de felídeo (ampliação 40x).

1.2.6 Endocrinologia

As doenças endócrinas são relativamente frequentes no HVM. A cetoadicose diabética é a endocrinopatia mais frequente (47,4%) em todos os canídeos apresentados à consultas, seguida da Diabetes *Mellitus* nos felídeos com 60% (Tabela 12).

Tabela 12. Distribuição da FR (%) da entidade clínica na área da Endocrinologia e da FR (%) por espécie; ($n_{HVM}=19$), em que n representa o número total de ocorrências observadas.

Endocrinologia	$n_{HVM} = 19$			
	FR (%)	FR (%) por Espécie		
Entidade Clínica		Canídeos	Felídeos	Exóticos
Cetoacidose diabética	47,4	100,0	0,0	0,0
Diabetes Mellitus	26,3	40,0	60,0	0,0
Hiperadrenocorticism	15,8	100,0	0,0	0,0
Hipossomatotropismo	5,3	100,0	0,0	0,0
Hipotiroidismo	5,2	100,0	0,0	0,0
Total	100,0	84,2	15,8	0,0



Figura 23. Alopécia simétrica bilateral de membro posterior em canídeo com hiperadrenocorticism.



Figura 24. Nanismo hipofisário (hipossomatotropismo) em canídeo fêmea pastor alemão.

1.2.7 Etologia

Etologia é a área que compreende o estudo do comportamento animal, as suas alterações e métodos de modelação do mesmo. Encontra-se em franca expansão entre os proprietários dos pacientes atendidos no HVM, que pretendem tratar o seu animal, moldando tanto o seu comportamento como o do próprio animal.

As consultas eram baseadas na anamnese e observação de pacientes com comportamentos anormais. Da apresentação da tabela 13, pode observar-se que a agressividade (42,9%) e a ansiedade por separação (28,6%) são os motivos mais

frequentes no acompanhamento em consulta. Os canídeos e os felídeos são os mais afectados por alterações comportamentais (42,9%) e os exóticos os menos (14,3%).

Tabela 13. Distribuição da FR (%) da entidade clínica na área da Etologia e da FR (%) por espécie; ($n_{HVM}=7$), em que n representa o número total de ocorrências observadas.

Etologia	$n_{HVM}=7$			
	FR (%)	FR (%) por Espécie		
Entidade Clínica		Canídeos	Felídeos	Exóticos
Agressividade	42,9	33,3	66,7	0,0
Alopécia psicogénica	14,3	0,0	0,0	100,0
Ansiedade por separação	28,6	50,0	50,0	0,0
Hiperactividade	14,2	100,0	0,0	0,0
Total	100,0	42,9	42,9	14,3



Figura 25. Alopécia psicogénica

1.2.8 Gastroenterologia e Glândulas Anexas

A gastroenterite (30,4%), a gastrite (23,9%) e a hepatopatia (15,2%) são as entidades clínicas com maior expressividade. Nesta área clínica, em geral, são os canídeos os mais afectados (76,1%), seguidos dos felídeos (21,7%) e pelos exóticos (2,2%) (Tabela 14). No HVM, para o estabelecimento de um diagnóstico definitivo são utilizados meios complementares de diagnóstico como a radiografia, endoscopia, ecografia, análises bioquímicas e hematológicas e mais raramente a laparoscopia exploratória.

Tabela 14. Distribuição da FR (%) da entidade clínica por característica na área da Gastroenterologia e Glândulas Anexas e da FR (%) por espécie; ($n_{HVM}=45$), em que n representa o número total de ocorrências observadas

Gastroenterologia e Glândulas Anexas				HVM (n=45)			
Entidade Clínica	HVM	Característica		FR (%)	FR(%) por Espécie		
					Canídeos	Felídeos	Exóticos
Enterite	6,5	Bacteriana	_____	2,2	3,0	0,0	0,0
		Corpo Estranho	_____	2,2	3,0	0,0	0,0
		Medicamentosa	_____	2,2	3,0	0,0	0,0
Esofagite	2,2	Corpo Estranho	_____	2,2	0,0	8,3	0,0
Gastrite	23,9	Alimentar	_____	6,5	6,1	8,3	0,0
		Corpo Estranho	_____	8,7	9,1	8,3	0,0
		Tóxica	_____	4,3	6,1	0,0	0,0
		Úrémica	_____	4,3	3,0	8,3	0,0
Gastroenterite	30,4	Alimentar	_____	6,5	3,0	8,3	0,0
		Corpo Estranho	_____	4,3	3,0	8,3	0,0
		Idiopática	_____	4,3	3,0	0,0	0,0
		Tóxica	_____	5,8	3,0	8,3	0,0
		Viral	_____	8,7	9,1	0,0	0,0
Hepatopatia	15,2	Colangite	_____	2,2	0,0	8,3	0,0
		Hepatite	_____	2,2	3,0	0,0	0,0
		Insuficiência hepática	_____	7,4	6,1	8,3	0,0
		Lipidose hepática	_____	4,3	0,0	8,3	100,0
Intussuscepção	2,2	_____	_____	2,2	3,0	0,0	0,0
Mucocelo	2,2	Vesícula biliar	_____	2,2	3,0	0,0	0,0
Pancreatite	2,2	_____	_____	2,2	3,0	0,0	0,0
Peritonite	2,2	Generalizada	Ruptura intestinal	2,2	3,0	0,0	0,0
Prolapso rectal	2,2	Por tenesmo	_____	2,2	3,0	0,0	0,0
Síndrome de Dilatação/Torção Gástrica	4,3	_____	_____	4,3	6,1	0,0	0,0
Torção Esplénica	2,2	_____	_____	2,2	3,0	0,0	0,0
Torção do Mesentério	2,2	_____	_____	2,2	3,0	0,0	0,0
Volvo	2,2	Intestinal	_____	2,2	3,0	0,0	0,0
Total	100,0	Total		100,0	76,1	21,7	2,2



Figura 26. Prolapso da mucosa rectal em canídeo.

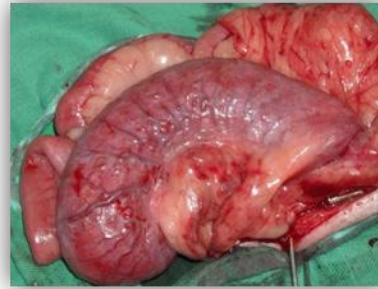


Figura 27. Torção mesentérica em canídeo.



Figura 28. Síndrome de torção e dilatação gástrica em canídeo.



Figura 29. Intussuscepção em canídeo.



Figura 30. Mucocelo da vesícula biliar em canídeo.



Figura 31. Torção e ruptura esplénica em canídeo.

1.2.9 Hematologia

Está englobado nesta área médica o estudo do sangue e de órgãos hematopoiéticos, como o baço e a medula óssea.

A entidade clínica com maior incidência é a anemia (80,2%) mais especificamente a anemia de origem infecciosa (parvovirose, FiV e FeLV) e associada a casos de IRC, ambas com 26,7%. A anemia parasitária com 20,2%, o choque séptico e a torção esplénica, ambas com 6,6%, afectam apenas os canídeos (Tabela 15).

Para uma avaliação adequada destas patologias, demonstrou-se essencial o recurso à realização de hemogramas, microhematócritos e esfregaços sanguíneos.

Tabela 15. Distribuição da FR (%) da entidade clínica por característica na área da Hematologia e da FR (%) por espécie; ($n_{HVM}=15$), em que n representa o número total de ocorrências observadas.

Hematologia			$n_{HVM}= 15$			
Entidade clínica	FR (%)	Característica	FR (%)	FR (%) por Espécie		
				Canídeos	Felídeos	Exóticos
Anemia	80,2	Hemorrágica	6,6	100,0	0,0	0,0
		Infecciosa	26,7	50,0	50,0	0,0
		IRC	26,7	50,0	50,0	0,0
		Parasitária	20,2	100,0	0,0	0,0
Choque	6,6	Séptico	6,6	100,0	0,0	0,0
Neoplasia	6,6	Hemangiosarcoma	6,6	100,0	0,0	0,0
Torção Esplénica	6,6	_____	6,6	100,0	0,0	0,0
Total	100,0	Total	100	73,3	26,7	0,0

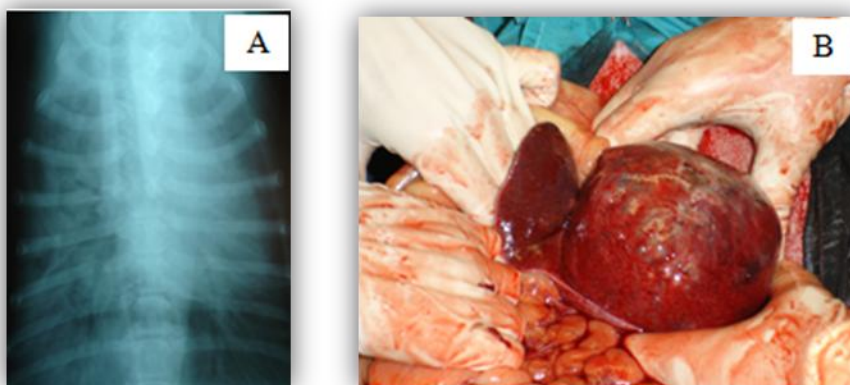


Figura 32. Radiografia de hemangiosarcoma em canídeo (projecção ventro-dorsal) (A) anterior à execução de laparotomia exploratória (B).

1.2.10 Neurologia

A Neurologia é uma área clínica em que o estabelecimento do diagnóstico pode ser difícil e moroso. Os sinais clínicos são, na maior parte das vezes, inespecíficos podendo ser confundidos com outras situações clínicas que têm por base distúrbios endócrinos, metabólicos ou tóxicos. Torna-se assim indispensável a realização de exames complementares de diagnóstico como radiografias simples ou contrastadas (mielografias), análises bioquímicas e hematológicas e TAC.

As neuropatias originadas no encéfalo/meninges (48%) são as mais frequentes, seguidas das originadas na espinal medula (47,7%), e das nos nervos periféricos (4,3%). A epilepsia é a afecção neurológica mais frequente (26,1%), seguida da hérnia discal (21,7%), maioritariamente em canídeos (Tabela 16).

Tabela 16. Distribuição da FR (%) da área anatómica afectada por entidade clínica e característica na área da Neurologia e da FR (%) por espécie; ($n_{HVM}=23$), em que n representa o número total de ocorrências observadas.

Neurologia				$n_{HVM}=23$			
Área Anatómica	FR (%)	Entidade Clínica	Característica	FR (%)	FR (%) por Espécie		
					Canídeos	Felídeos	Exóticos
Encéfalo/ Meninges	48,0	Epilepsia	————	26,1	100,0	0,0	0,0
		Crises convulsivas	Intoxicação	13,3	100,0	0,0	0,0
		Edema Cerebral	Traumático	4,3	100,0	0,0	0,0
		Neoplasia	————	4,3	100,0	0,0	0,0
Espinal Medula	47,7	Hémia Discal	————	21,7	60,0	40,0	0,0
		Síndrome Cauda Equina	————	4,3	100,0	0,0	0,0
		Síndrome de Horner	Traumático	13,0	0,0	100,0	0,0
		Síndrome de Wobbler	————	8,7	100,0	0,0	0,0
Nervos Periféricos	4,3	Síndrome Vestibular	————	4,3	100,0	0,0	0,0
Total	100,0	Total	————	100,0	78,3	21,7	0,0



Figura 33. Síndrome de cauda equina em canídeo (projecção latero-lateral direita).



Figura 34. Síndrome de Wobbler em canídeo (projecção latero-lateral direita).

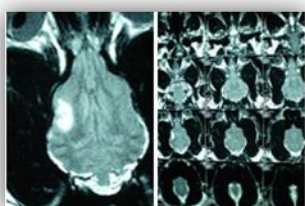


Figura 35. Neoplasia encefálica visível em TAC de canídeo.



Figura 36. Miose do olho esquerdo e midríase do olho direito em felídeo com síndrome de Horner.



Figura 37. Extrusão do disco em hémia vertebral lombar em canídeo (projecção latero-lateral direita).

1.2.11 Nutrição

Na era moderna em que vivemos, a nutrição animal representa um dos pontos fulcrais da consulta médico-veterinária. Actualmente o sedentarismo, o mau manejo

alimentar por parte do proprietário e a diminuição da actividade física são alguns dos factores que contribuíram para os 50% de casos de obesidade nos animais consultados.

A hipocalcémia (16,7%), a hipovitaminose A (16,7%) e a caquexia (16,6%) são as patologias nutricionais que se seguem, e que afectam canídeos, exóticos e felídeos, respectivamente (Tabela 17).

Tabela 17. Distribuição da FR (%) da entidade clínica na área da Nutrição e da FR (%) por espécie; ($n_{HVM}=6$), em que n representa o número total de ocorrências observadas.

Nutrição	$n_{HVM}=6$			
	FR (%)	FR (%) por Espécie		
Entidade Clínica		Canídeos	Felídeos	Exóticos
Hipocalcémia	16,7	100,0	0,0	0,0
Hipovitaminose A	16,7	0,0	0,0	100,0
Obesidade	50,0	66,7	33,3	0,0
Caquexia	16,6	0,0	100,0	0,0
Total	100,0	50,0	33,3	16,7

1.2.12 Odontoestomatologia

A Odontoestomatologia é a área clínica que compreende o estudo das patologias relacionadas com a boca (lábios, dentes, mucosa oral, glândulas salivares, amígdalas e as demais estruturas da orofaringe).

A sintomatologia relacionada com a cavidade oral pode ser secundária a outras patologias como insuficiência renal e processos oncológicos.

A entidade clínica mais frequente é a doença periodontal por acumulação de tártaro, seguida das úlceras urémicas em canídeos com IRC, com 80% e 71,4%, respectivamente.

O sobrecrecimento dentário (4,5%) afectou apenas os exóticos (Tabela 18).

Tabela 18. Distribuição da FR (%) da entidade clínica por característica na área da Odontoestomatologia e da FR (%) por espécie; ($n_{HVM}=45$), em que n representa o número total de ocorrências observadas.

Odontoestomatologia				$n_{HVM}=45$			
Entidade Clínica	FR (%)	Característica		FR (%)	FR (%) por Espécie		
					Canídeos	Felídeos	Exóticos
Abcesso Dentário	2,2	_____	_____	2,2	0,0	100,0	0,0
Estomatite	15,6	Infeciosa	_____	6,7	0,0	100,0	0,0
		Periodontite	_____	8,9	100,0	0,0	0,0
Doença Periodontal	33,3	Acumulação Tártaro	_____	33,3	80,0	20,0	0,0
Fenda Palatina	4,4	Traumática	_____	4,4	50,0	50,0	0,0
Fractura Dentária	2,2	Traumática	_____	2,2	100,0	0,0	0,0
Neoplasia	6,7	Epúlida Fibromatosa	Gengiva	4,4	100,0	0,0	0,0
		Linfoma cutâneo Epiteliotrópico	Lábio, Vestíbulo, Gengiva	2,3	100,0	0,0	0,0
Persistência de dentição decídua	2,2	_____	_____	2,2	100,0	0,0	0,0
Remoção corpo estranho	4,4	Anzol	Lábio	4,4	0,0	100,0	0,0
Retracção gengival	8,9	_____	_____	8,9	100,0	0,0	0,0
Sobrecrescimento dentário	4,5	_____	_____	4,5	0,0	0,0	100,0
Úlceras urémicas	15,6	IRC	_____	15,6	71,4	28,6	0,0
Total	100,0	Total		100,0	68,9	26,7	4,4



Figura 38. Abcesso dentário periapical por persistência da dentição decídua em canídeo.



Figura 39. Doença periodontal e retracção gengival associado a tártaro em canídeo.



Figura 40. Corpo estranho preso no vestíbulo bucal de felídeo.



Figura 41. Fenda palatina traumática em felídeo.



Figura 42. Lesões mucocutâneas em canídeo com linfoma cutâneo epiteliotrópico.



Figura 43. Redução de sobrecrecimento dentário em chinchila.



Figura 44. Abscesso dentário periapical em felídeo.

1.2.13 Oftalmologia

Área da Patologia Médica que trata das doenças relacionadas com os olhos e órgãos anexos.

O diagnóstico clínico das patologias que abrange, é muitas vezes estabelecido com o auxílio de meios complementares de diagnóstico: medição da produção de lágrima (teste de *Schirmer*), a avaliação da presença de úlceras da córnea (teste da fluoresceína), a medição da pressão intra-ocular (tonometria electrónica), a observação das estruturas intra-oculares e do fundo do olho (oftalmoscopia, retinografia).

A prescrição da terapêutica deve ser cuidadosamente seleccionada, uma vez que se trabalha com órgãos extremamente sensíveis, em que por vezes a cirurgia é a solução mais eficaz.

As patologias oftálmicas mais frequentes são o entrópion com 15,4%, a queratoconjuntivite seca, a úlcera da córnea e a conjuntivite infecciosa com igual percentagem (11,5%).

A espécie mais afectada é os canídeos (69,2%) seguida dos felídeos (27%) e dos exóticos (3,8%) (Tabela 19).

Tabela 19. Distribuição da FR (%) da entidade clínica por característica na área da Oftalmologia e da FR (%) por espécie; ($n_{HVM}=26$), em que n representa o número total de ocorrências observadas.

Oftalmologia				$n_{HVM}=26$			
Entidade Clínica	FR (%)	Característica		FR (%)	FR (%) por Espécie		
					Canídeos	Felídeos	Exóticos
Catarata	3,8	Senil	—	3,8	100,0	0,0	0,0
Conjuntivite	11,5	Infecciosa	—	11,5	33,3	33,3	33,3
Dacriocistite	3,8	—	—	3,8	100,0	0,0	0,0
Descemetocélio	4,0	—	—	4,0	100,0	0,0	0,0
Edema da córnea	3,8	—	—	3,8	100,0	0,0	0,0
Entrópion	15,4	—	—	15,4	75,0	25,0	0,0
Episcleroqueratite	4,0	—	—	4,0	100,0	0,0	0,0
Glaucoma	7,7	—	—	7,7	100,0	0,0	0,0
Hifema	3,8	Traumático	—	3,8	0,0	100,0	0,0
Luxação do Cristalino	3,8	Traumático	Posterior	3,8	100,0	0,0	0,0
Perfuração do Globo Ocular	7,6	Traumático	—	3,8	0,0	100,0	0,0
		Úlcera da córnea	—	3,8	100,0	0,0	0,0
Queratoconjuntivite Seca	11,5	—	—	11,5	100,0	0,0	0,0
Sequestro da Córnea	4,0	—	—	4,0	0,0	100,0	0,0
Úlcera da Córnea	11,5	—	—	11,5	66,7	33,3	0,0
Uveíte	3,8	—	—	3,8	0,0	100,0	0,0
Total	100,0	Total		100,0	69,2	27,0	3,8



Figura 45. Dacriocistite em canídeo.



Figura 46. Episcleroqueratite em canídeo.



Figura 47. Sequestro da córnea em felídeo.



Figura 48. Luxação posterior do cristalino em canídeo.



Figura 49. Glaucoma em canídeo.



Figura 50. Hifema em felídeo.



Figura 51. Úlcera profunda da córnea em canídeo



Figura 52. Descemetocélio em canídeo.

1.2.14 Oncologia

O crescimento científico desta área está em permanente expansão. A utilização de meios complementares de diagnóstico até então apenas utilizados em medicina humana, inovações terapêuticas e o aumento da esperança média de vida dos pacientes são alguns dos factores que determinam a crescente adesão dos proprietários a qualquer tentativa de controlo/debelação da doença oncológica. Em contrapartida, em alguns casos os custos relacionados quer com o diagnóstico, quer com o tratamento são inabarcáveis, influenciando assim a taxa de diagnóstico e de sobrevivência nesta área.

Da observação da tabela 20, pode concluir-se que a neoplasia mamária nos felídeos (60%), o osteosarcoma (fémur, sacro e vértebras coccígeas) com 4% na totalidade dos canídeos e na mandíbula (4%) em todos os casos de felídeos, e as metástases pulmonares nos canídeos (66,7%), são as entidades clínicas mais frequentes.

Tabela 20. Distribuição da FR (%) da entidade clínica por característica e localização na área da Oncologia e da FR (%) por espécie; ($n_{HVM}=25$), em que n representa o número total de ocorrências observadas.

Oncologia				$n_{HVM}=25$			
Entidade Clínica	FR (%)	Característica	Localização	FR (%)	FR (%) por Espécie		
					Canídeos	Felídeos	Exóticos
Carcinoma das Células Escamosas	8,0	_____	Nariz	8,0	50,0	50,0	0,0
Epúlido Fibromatosa	8,0	_____	Gengiva	8,0	100,0	0,0	0,0
Hemangiosarcoma	4,0	_____	_____	4,0	100,0	0,0	0,0
Higroma	4,0	_____	Cotovelo	4,0	100,0	0,0	0,0
Leiomioma	4,0	_____	_____	4,0	100,0	0,0	0,0
Leucemia	4,0	_____	_____	4,0	100,0	0,0	0,0
Linfoma	8,0	Cutâneo Epiteliotrófico	Face, Boca, Dorso e Abdómen	4,0	100,0	0,0	0,0
		Multicêntrico	_____	4,0	100,0	0,0	0,0
Metástases Pulmonares	12,0	_____	_____	12,0	66,7	33,3	0,0
Neoplasia	32,0	Venérea Transmissível	Pénis	4,0	100,0	0,0	0,0
		Primária	Pulmão	4,0	100,0	0,0	0,0
		Parede Abdominal	_____	4,0	0,0	100,0	0,0
		Mamária	_____	20,0	20,0	60,0	20,0
Osteossarcoma	16,0	_____	Fémur	4,0	100,0	0,0	0,0
			Mandíbula	4,0	0,0	100,0	0,0
			Sacro	4,0	100,0	0,0	0,0
			Vértebras coccígeas	4,0	100,0	0,0	0,0
Total	100,0	Total		100,0	68,0	28,0	4,0



Figura 53. Leiomioma em canídeo.



Figura 54. Carcinoma das células escamosas em canídeo.



Figura 55. Osteossarcoma em canídeo (projecção antero-posterior).



Figura 56. Tumor Venéreo Transmissível em pénis de canídeo.



Figura 57. Higroma em canídeo.



Figura 58. Neoplasia vesical em canídeo- ecografia.



Figura 59. Hemangiosarcoma em canídeo.



Figura 60. Neoplasia mamária em tigre.



Figura 61. Linfoma cutâneo epiteliotrópico na face de canídeo.

1.2.15 Otorrinolaringologia

A otorrinolaringologia é a área que trata as doenças nasais, auditivas, laríngeas e faríngeas, com o recurso frequentes a meios de diagnóstico complementares como o otoscopia, citologias do conteúdo auditivo, culturas, citologias por Punção Aspirativa por Agulha Fina (PAAF), rinoscopia, radiografia e antibiogramas.

A otite externa é a entidade clínica com maior expressão representando 49,9% dos casos acompanhados nesta área, especialmente otites por *Malassezia pachydermatis* com 66,7% em canídeos.

A rinite infecciosa representa 21,4% na totalidade dos casos em felídeos (Tabela 21).

Tabela 21. Distribuição da FR (%) da entidade clínica por localização e etiologia na área da Otorrinolaringologia e FR (%) por espécie; ($n_{HVM}=14$), em que n representa o número total de ocorrências observadas.

Otorrinolaringologia				$n_{HVM} = 14$			
Entidade Clínica	Localização	FR (%)	Etiologia	FR (%)	FR (%) por Espécie		
					Canídeos	Felídeos	Exóticos
Otite	Externa	49,9	Bacteriana	14,3	100,0	0,0	0,0
			Corpo Estranho	7,1	100,0	0,0	0,0
			<i>Malassezia pachydermatis</i>	21,4	66,7	33,3	0,0
			<i>Otodectes Cynotis</i>	7,1	0,0	100,0	0,0
	Interna	7,1	Bacteriana	7,1	100,0	0,0	0,0
Otohematoma	_____	14,3	Otite Externa	14,3	100,0	0,0	0,0
Estenose do Conduto Auditivo	_____	7,3	_____	7,3	100,0	0,0	0,0
Rinite	_____	21,4	Infecciosa	21,4	0,0	100,0	0,0
Total		100,0	Total	100,0	64,3	35,7	0,0



Figura 62. Otohematoma em canídeo.

1.2.16 Pneumologia

A pneumologia é a área clínica que compreende o estudo dos pulmões e do tracto respiratório (vias respiratórias superiores e inferiores).

Estabelecer um diagnóstico das diferentes entidades clínicas que acometem os pacientes pode ser complicado, pelo que são realizados meios complementares de diagnóstico, alguns deles específicos: análises bioquímicas e hematológicas, toracocentese, radiografia, ecografia, toracoscopia, broncoscopia, biopsia, lavagem traqueal e brônquica e citologia.

Os derrames pleurais (30,4%) são a patologia respiratória mais frequente, seguida da coriza infecciosa felina (16,4%) e da neoplasia pulmonar com metástases (11,4%).

Relativamente à espécie, foram os felídeos a espécie mais afectada (50,0%), seguida dos canídeos (46,2%) e dos exóticos (3,8%) (Tabela 22).

Tabela 22. Distribuição da FR (%) da entidade clínica por característica e etiologia na área da Pneumologia e da FR (%) por espécie; ($n_{HVM}=26$), em que n representa o número total de ocorrências observadas.

Pneumologia					$n_{HVM}=26$			
					FR (%)	FR (%) por Espécie		
						Canídeos	Felídeos	Exóticos
Entidade Clínica	Característica		FR (%)	Etiologia	FR (%)	Canídeos	Felídeos	Exóticos
Asma Felina	_____	_____	3,8	_____	3,8	0,0	100,0	0,0
Aspergilose	_____	_____	3,8	_____	3,8	0,0	0,0	100,0
Bronquite Crónica	_____	_____	3,8	_____	4	100,0	0,0	0,0
Colapso da Traqueia	_____	_____	7,6	_____	7,6	100,0	0,0	0,0
Contusão Pulmonar	_____	_____	7,6	Traumática	7,6	50,0	50,0	0,0
Coriza Infecciosa Felina	_____	_____	16,4	_____	16,4	0,0	100,0	0,0
Derrame Pleural	Transudado	_____	30,4	Hepatopatia	7,6	0,0	100,0	0,0
	Exsudado	Piotórax		Peritonite Infecciosa Felina (PIF)	3,8	0,0	100,0	0,0
		Quilotórax		PIF	3,8	0,0	100,0	0,0
		Hemotórax		Traumático	3,8	100,0	0,0	0,0
				Intoxicação por Dicumarínicos	3,8	100,0	0,0	0,0
				Neoplasia	7,6	50,0	50,0	0,0
	Edema Pulmonar	_____		_____	3,8	Cardiogénico	3,9	100,0
Neoplasia	Pulmão	Primária	15,2	_____	3,8	100,0	0,0	0,0
		Metástases		_____	11,4	66,7	33,3	0,0
Pneumonia	_____	_____	3,8	Infecciosa	3,8	0,0	100,0	0,0
Pneumotoráx	_____	_____	3,8	Traumático	3,8	100,0	0,0	0,0
Total			100,0	Total	100,0	46,2	50,0	3,8

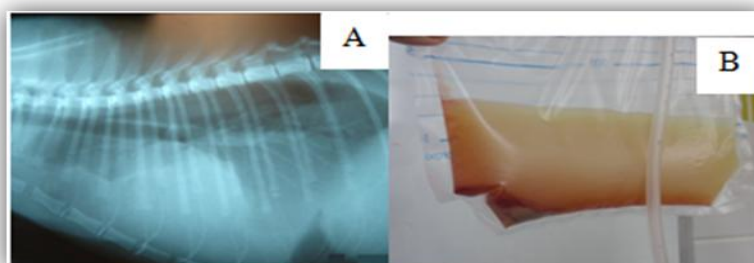


Figura 63. Radiografia de piotórax em felídeo (A) (projecção latero-lateral direita). (B) Fluido purulento drenado da cavidade torácica.



Figura 64. Radiografia de canídeo com bronquite crónica (projecção latero-lateral direita).



Figura 65. Fluído quiloso drenado da cavidade torácica de felídeo- quilotorax

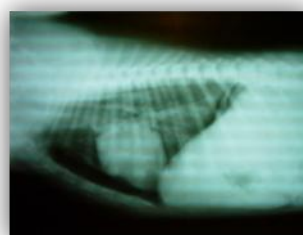


Figura 66. Radiografia de pneumotórax em canídeo (projecção latero-lateral direita).

1.2.17. Sistema Muscular

O traumatismo dos tecidos moles foi a entidade clínica com maior impacto nesta área clínica (57,1%) especialmente trauma associado a atropelamento (19,7%), mordedura e queda, ambos com 12,4%. A hérnia umbilical e o traumatismo dos tecidos moles por mordedura e queda representam 50% nos canídeos e felídeos (Tabela 23).

Tabela 23. Distribuição da FR (%) da entidade clínica por característica na área do Sistema Muscular e da FR (%) por espécie; ($n_{HVM}=16$), em que n representa o número total de ocorrências observadas.

Sistema Muscular			$n_{HVM} = 16$			
Entidade Clínica	FR (%)	Característica	FR (%)	FR (%) por Espécie		
				Canídeos	Felídeos	Exóticos
Hérnia	37,6	Diafragmática	6,3	100,0	0,0	0,0
		Inguinal	6,3	100,0	0,0	0,0
		Perineal	6,3	100,0	0,0	0,0
		Peritoneo-Pericárdica	6,3	100,0	0,0	0,0
		Umbilical	12,4	50,0	50,0	0,0
Miosite dos Músculos Mastigadores	5,3	—	5,3	100,0	0,0	0,0
Traumatismo dos Tecidos Moles	57,1	Atropelamento	19,7	66,7	33,3	0,0
		Corpo Estranho	6,3	0,0	100,0	0,0
		Indeterminada	6,3	100,0	0,0	0,0
		Mordedura	12,4	50,0	50,0	0,0
		Queda	12,4	50,0	50,0	0,0
Total	100,0	Total	100,0	68,8	31,3	0,0



Figura 67. Hérnia Inguinal em canídeo.



Figura 68. Radiografia contrastada de hérnia diafragmática em canídeo (projecção ventro-dorsal).



Figura 69. Ecografia de hérnia peritoneo-pericárdica em canídeo.



Figura 70. Atrofia dos músculos mastigadores em canídeo, consequência de miosite.



Figura 71. Radiografia de perfuração de esófago e traqueia por corpo estranho em felídeo (projecção latero-lateral direita).

1.2.18 Teriogenologia

O estudo da fisiologia e da patologia dos sistemas reprodutivos masculino e feminino e que engloba as áreas clínicas de obstetrícia, ginecologia e andrologia, entende-se por Teriogenologia.

A Ginecologia e a Obstetrícia são as áreas clínicas da Teriogenologia com maior expressividade (65,3%), em que a neoplasia mamária em felídeos (50%) e as piómetras fechadas em canídeos (66,7%) são as patologias mais frequentes.

Na área de Andrologia, as patologias mais frequentes são a prostatite (11,6%) e a hiperplasia benigna prostática (7,7%) em canídeos (Tabela 24).

Tabela 24. Distribuição da FR (%) da área por entidade clínica e característica na área da Teriogenologia e da FR (%) por espécie; ($n_{HVM}=15$), em que n representa o número total de ocorrências observadas.

Teriogenologia				$n_{HVM}=15$			
Área Clínica	FR (%)	Entidade clínica	Característica	FR (%)	FR (%) por Espécie		
					Canídeos	Felídeos	Exóticos
Ginecologia e Obstetrícia	65,3	Distócia	_____	7,7	100,0	0,0	0,0
		Neoplasia Mamária	_____	23,0	33,3	50,0	16,7
		Piómetra	Aberta	7,7	50,0	50,0	0,0
			Fechada	11,6	66,7	33,3	0,0
		Inibição de Estro	_____	7,7	50,0	50,0	0,0
		Prolapso Vaginal	_____	3,8	100,0	0,0	0,0
Andrologia	34,5	Pseudogestação	_____	3,8	100,0	0,0	0,0
		Criptorquidismo	_____	3,8	100,0	0,0	0,0
		Hiperplasia Benigna Prostática	_____	7,7	100,0	0,0	0,0
		Necrose Peniana	_____	3,8	100,0	0,0	0,0
		Neoplasia Prostática	_____	3,8	100,0	0,0	0,0
		Torção Testicular	_____	3,8	100,0	0,0	0,0
Total	100,0	Prostatite	_____	11,6	100,0	0,0	0,0
		Total		100,0	73,1	23,1	3,8



Figura 72. Prolapso vaginal em canídeo.



Figura 73. Exerése de neoplasia mamária em tigre.



Figura 74. Necrose peniana em canídeo.

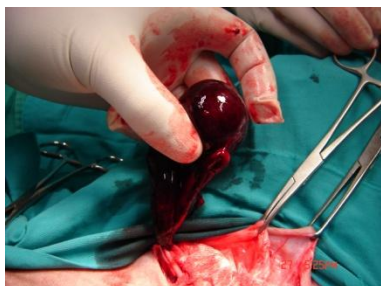


Figura 75. Torção testicular em canídeo.



Figura 76. Progenitora e cria após cesariana secundária a distócia.

1.2.19 Toxicologia

A Toxicologia estuda as substâncias tóxicas e as suas acções no organismo.

Nesta área clínica os canídeos foram a espécie mais afectada (85,7%) tendo maioritariamente sofrido intoxicações por organofosforados e rodenticidas com frequência igual (28,6%). Nos felídeos, a intoxicação com maior prevalência deveu-se à ingestão de paracetamol (14,3%) (Tabela 25).

Tabela 25. Distribuição da FR (%) por entidade clínica na área da Toxicologia e FR (%) por espécie acompanhada; ($n_{HVM}=7$), em que n representa o número total de ocorrências observadas.

Toxicologia	$n_{HVM}=7$			
	FR (%)	FR (%) por Espécie		
Entidade Clínica		Canídeos	Felídeos	Exóticos
Chocolate (<i>teobromina</i>)	14,3	100,0	0,0	0,0
Organofosforados	28,6	100,0	0,0	0,0
Paracetamol	14,3	0,0	100,0	0,0
Processionária (<i>Thaumetopoea pityocampa</i> Schiff)	14,2	100,0	0,0	0,0
Rodenticidas	28,6	100,0	0,0	0,0
Total	100,0	85,7	14,3	0,0



Figura 77. Lagarta do pinheiro (A) - Processionária *Thaumetopoea pityocampa* Schiff. Fonte: Acedido em naturlink.sapo.pt, em 30 de Março às 13 horas, em 2010. (B) Edema da região ventral da língua por contacto com processionária em canídeo.



Figura 78. Intoxicação por paracetamol em felídeo – coloração escura das mucosas.

1.2.20 Urologia

A entidade clínica com maior relevância é a insuficiência renal crónica (24%), seguida da cristalúria de fosfato de amónio-magnésiano (16,0%) e da urolitíase por cistólitos (11,5%). Os animais acometidos mais frequentemente por patologias urológicas foram os canídeos com 64,0%, seguido dos felídeos com 36,0%. (Tabela 26).

Tabela 26. Distribuição da FR (%) por entidade clínica e característica na área da Urologia e de FR (%) por espécie; ($n_{HVM}=26$), em que n representa o número total de ocorrências observadas.

Urologia				HVM (n=26)			
				FR (%)	FR(%) por Espécie		
Área	HVM		Característica		Canídeos	Felídeos	Exóticos
Cristalúria	19,5	Estruvite (Fosfato de Amónio-Magnésiano)		15,7	100,0	0,0	0,0
		Xantina		3,8	100,0	0,0	0,0
Disfunção urinária	3,8	Neurológica	Traumática	3,8	0,0	100,0	0,0
Infecção Tracto Urinário Inferior	7,7			7,7	50,0	50,0	0,0
Insuficiência Renal	38,4	Aguda	Indeterminada	3,8	100,0	0,0	0,0
			Leptospirose	3,8	100,0	0,0	0,0
			Tóxica	7,7	50,0	50,0	0,0
		Crónica	Indeterminada	23,1	66,7	33,3	0,0
Rim Poliquístico	3,8			3,8	0,0	100,0	0,0
Ruptura Vesical	3,8			3,8	100,0	0,0	0,0
Síndrome Urológico Felino (FUS)	7,7			7,7	0,0	100,0	0,0
Uroabdomen	3,8		Traumático	3,8	0,0	100,0	0,0
Urolitíase	11,5	Cistólitos		11,5	66,7	33,3	0,0
Total	100,0	Total		100,0	61,5	38,5	0,0



Figura 79. Fluidoterapia (Lactato de Ringer e Dopamina) em canídeo internado por IRC.



Figura 80. Exame microscópico de sedimento urinário de felídeo com FUS-cristais de estruvite (ampliação 400x).



Figura 81. Radiografia de canídeo com cystólitos (projecção latero-lateral direita).



Figura 82. Ecografia abdominal de canídeo com sedimento vesical.

1.3 Patologia Cirúrgica

Esta área da Medicina Veterinária está dividida em três sub-áreas caracterizadas pelo tipo de cirurgia/procedimento efectuado: Artrologia, Ortopedia e Traumatologia, que engloba quaisquer intervenções/procedimentos por parte do Médico-Veterinário sobre articulações e ossos; Cirurgia Geral e de Tecidos Moles, que está relacionada com cirurgias e procedimentos que envolvem tecidos moles, em que o animal está sob o efeito de anestesia volátil e a Pequena Cirurgia e Outros Procedimentos que inclui cirurgias menores e procedimentos simples em que o paciente se encontra na maioria das vezes sob sedação ou anestesia geral fixa.

A subárea com maior impacto é a Pequena Cirurgia e Outros Procedimentos (42,9%), seguida da Cirurgia Geral e de Tecidos Moles (38,0%) e da Artrologia, Ortopedia e Traumatologia (19,1%).

Relativamente à espécie, os canídeos são os animais com maior indicação (59,0%) para acompanhamento em patologia cirúrgica, nomeadamente na subárea de Artrologia, Ortopedia e Traumatologia (80,3%).

Os felídeos e os exóticos representam respectivamente 39,4% e 1,6% dos 371 animais acompanhados. Nos felídeos e exóticos a subárea com maior expressividade é a

Pequena Cirurgia e Outros Procedimentos com 44,7% e 3,1% respectivamente (Tabela 27 e Gráfico 7).

Tabela 27. Distribuição da FR (%) por subárea da Patologia Cirúrgica e da FR (%) por espécie; ($n_{HVM}=371$), em que n representa o número total de ocorrências observadas.

Patologia Cirúrgica	$n_{HVM} = 371$			
Subárea	FR (%)	FR (%) por Espécie		
		Canídeos	Felídeos	Exóticos
Artrologia, Ortopedia e Traumatologia	19,1	80,3	19,7	0,0
Cirurgia Geral e de Tecidos Moles	38,0	56,0	43,3	0,7
Pequena Cirurgia e Outros Procedimentos	42,9	52,2	44,7	3,1
Total	100,0	59,0	39,4	1,6

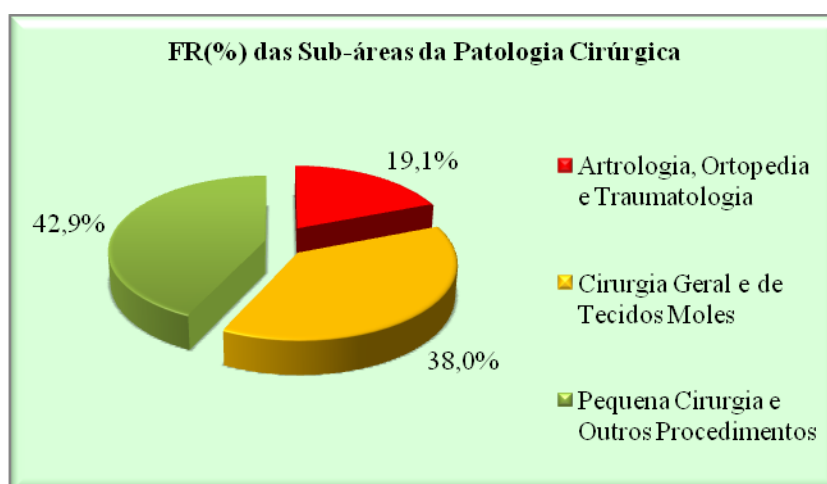


Gráfico 7. Distribuição da FR (%) por subáreas da Patologia Cirúrgica; ($n_{HVM}=371$), em que n representa o número total de ocorrências observadas.

1.3.1- Artrologia, Ortopedia e Traumatologia

A Ortopedia e Traumatologia (76,1%) tem um impacto mais significativo quando comparada com a Artrologia (23,9%).

A osteossíntese do fémur foi a cirurgia mais efectuada (25,4%) seguida da artroplastia coxo-femoral (excisional) (11,3%).

Os canídeos foram a espécie mais afectada (80,3%), seguida dos felídeos (19,7%) (Tabela 28).

Tabela 28. Distribuição da FR (%) da área clínica, tipo de cirurgia e por característica da Artrologia, Ortopedia e Traumatologia e da FR (%) por espécie; ($n_{HVM}=71$), em que n representa o número total de ocorrências observadas.

Artrologia, Ortopedia e Traumatologia					$n_{HVM}=71$			
Área Clínica	FR (%)	Tipo de Cirurgia	FR (%)	Característica	FR (%)	FR (%) por Espécie		
						Canídeos	Felídeos	Exóticos
Artrologia	23,9	Artroplastia coxo-femoral (excisional)	11,3	Displasia da Anca	11,3	100,0	0,0	0,0
		Trocleoplastia tibial	9,9	Luxação Medial da Rótula	9,9	100,0	0,0	0,0
		Osteotomia de nivelamento da meseta tibial	2,8	Ruptura do ligamento cruzado anterior	2,8	100,0	0,0	0,0
Ortopedia e Traumatologia	76,1	Amputação	5,6	Membro	4,2	66,7	14,3	0,0
				Dígito	1,4	100,0	0,0	0,0
		Laminectomia dorsal	1,4	Vértebra Cervical	1,4	1,0	0,0	0,0
				Isquion	1,4	0,0	14,3	0,0
		Osteossíntese	69,0	Púbis	1,4	0,0	14,3	0,0
				Íleo	1,4	0,0	14,3	0,0
				Fémur	25,4	77,8	57,1	0,0
				Tíbia	8,5	83,3	14,3	0,0
				Úmero	14,1	80,0	28,6	0,0
				Rádio	9,9	71,4	28,6	0,0
				Ulna	2,8	100,0	0,0	0,0
				Torácicas	2,8	100,0	0,0	0,0
				Lombares	1,4	0,0	14,3	0,0
Total	100,0	Total	100,0	Total	100,0	80,3	19,7	0,0



Figura 83. Radiografia após osteotomia de nivelamento da meseta tibial em canídeo (projecção latero-lateral).



Figura 84. Radiografia após osteossíntese da tíbia em canídeo (projecção latero-lateral).

1.3.2 Cirurgia Geral e de Tecidos Moles

A Teriogenologia é a área dominante (54,2%), seguida da odontoestomatologia (12,0%). A orquiectomia de conveniência e por neoplasia em canídeos (22,7%) e a ovariectomia de conveniência e por piómetra em felídeos (57,1%) são as cirurgias mais frequentes (Tabela 29).

Tabela 29. Distribuição da FR (%) da área clínica por tipo de cirurgia e característica da Cirurgia Geral e de Tecidos Moles e da FR (%) por espécie; ($n_{HVM}=141$), em que n representa o número total de ocorrências observadas.

Cirurgia Geral e de Tecidos Moles					$n_{HVM}=141$			
Área Clínica	FR (%)	Tipo de Cirurgia		Característica	FR (%)	FR (%) por Espécie		
						Canídeos	Felídeos	Exóticos
Esplancnologia	0,7	Esplenectomia	0,7	_____	0,7	100,0	0,0	0,0
Gastrentorologia	9,1	Enterectomia	0,7	Intussuscepção	0,7	100,0	0,0	0,0
		Enterotomia	0,7	Corpo Estranho	0,7	100,0	0,0	0,0
		Exerése	0,7	Mucocelo da Vesícula Biliar	0,7	100,0	0,0	0,0
		Gastrotomia	3,5	Corpo Estranho	3,5	60,0	40,0	0,0
		Laparotomia Exploratória	2,8	_____	2,8	50,0	50,0	0,0
		Piloro-plastia	0,7	_____	0,7	100,0	0,0	0,0
Odontoestomatologia	12,0	Destartarização	10,6	_____	10,6	80,0	20,0	0,0
		Exodontia	0,7	Dentição Decídua	0,7	100,0	0,0	0,0
		Plastia de Fenda Palatina	0,7	_____	0,7	100,0	0,0	0,0
Oftalmologia	7,0	Correcção de Entrópion	3,5	_____	3,5	80,0	20,0	0,0
		Enucleação	0,7	_____	0,7	100,0	0,0	0,0
		Querectomia	0,7	Sequestro da Córnea	0,7	0,0	100,0	0,0
		Queratotomia em Rede	0,7	Úlcera Profunda	0,7	100,0	0,0	0,0
		Sutura da Córnea	1,4	Perfuração	1,4	50,0	50,0	0,0
Otorrinolaringologia	2,1	Reconstrução do Conduto Auditivo	0,7	_____	0,7	100,0	0,0	0,0
		Otohematoma	1,4	_____	1,4	100,0	0,0	0,0
Pele e Tecidos Moles	8,6	Exérese	4,3	Abcesso	0,7	100,0	0,0	0,0
				Neoplasia	3,5	80,0	20,0	0,0
		Plastia de Laceração Musculocutânea	4,3	_____	4,3	66,7	33,3	0,0
Sistema Muscular	3,5	Herniorrafia	3,5	Diafragmática	0,7	100,0	0,0	0,0
				Inguinal	0,7	100,0	0,0	0,0
				Perineal	0,7	100,0	0,0	0,0
				Umbilical	1,4	50,0	50,0	0,0
Teriogenologia	54,2	Cesariana	53,5	Distócia	1,4	100,0	0,0	0,0
		Mastectomia Parcial		_____	4,3	33,3	50,0	16,7
		Orquiectomia (canídeos)		De conveniência Neoplasia	22,7	28,1	0,0	0,0
		Ovariohisterectomia		De conveniência Piómetra	24,8	42,9	57,1	0,0
		Redução de Prolapso Vaginal	0,7	_____	0,7	100,0	0,0	0,0
Urologia	2,8	Cistotomia	2,1	Urólitos	2,1	66,7	33,3	0,0
		Plastia Vesical	0,7	Ruptura Traumática	0,7	100,0	0,0	0,0
Total	100,0	Total	100,0	Total	100,0	56,0	43,3	0,7



Figura 85. Etapas de execução de cesariana em canídeo **(A)** Realização de incisão na cavidade abdominal. **(B)** Exteriorização do útero. **(C)** Remoção dos fetos e invólucros fetais.

1.3.3 Pequena Cirurgia e Outros Procedimentos

A extracção de materiais de fixação ortopédicos (cavilha intramedular, fixador externo e placa de osteossíntese) e de corpo estranho é a categoria mais expressiva desta sub-área clínica (29,6%), seguida da drenagem torácica e abdominal (16,4%) com sondas de três vias. Relativamente à espécie, foram os canídeos os mais afectados com 52,2%. Os felídeos e os exóticos seguem-se com 44,7% e 3,1% respectivamente (Tabela 30).

Tabela 30. Distribuição da FR (%) por categoria, subcategoria e característica de Pequena Cirurgia e Outros Procedimentos e FR (%) por espécie; ($n_{HVM}=159$), em que n representa o número total de ocorrências observadas.

Pequena Cirurgia e Outros Procedimentos				$n_{HVM}=159$			
Categoria	FR (%)	Subcategoria	Característica	FR (%)	FR (%) por Espécie		
					Canídeos	Felídeos	Exóticos
Abdominocentese	1,9	_____	_____	1,9	66,7	33,3	0,0
Algaliação	6,3	_____	_____	6,3	30,0	70,0	0,0
Aparelho fixo dentes	0,6	_____	_____	0,6	100,0	0,0	0,0
Colocação Sonda	8,8	Orogástrica	_____	5,7	0,0	44,4	55,6
		Nasogástrica	_____	3,1	60,0	40,0	0,0
Destartarização	9,4	_____	_____	9,4	80,0	20,0	0,0
Drenagem	16,4	Torácica	_____	12,6	10,0	90,0	0,0
		Abdominal	_____	3,8	66,7	33,3	0,0
Exérèse	0,6	Quisto sebáceo	_____	0,6	100,0	0,0	0,0
Extracção	29,6	Cavilha Intramedular	_____	5,0	87,5	12,5	0,0
		Corpo Estranho	Esófago Cervical	0,6	0,0	100,0	0,0
		Fixador Externo	_____	17,7	100,0	0,0	0,0
		Placa Osteossíntese	_____	6,3	80,0	20,0	0,0
Hemodiálise	1,3	_____	_____	1,3	100,0	0,0	0,0
Inseminação Artificial	1,9	_____	_____	1,9	100,0	0,0	0,0
Lavagem Ouvido	3,1	Otite	_____	3,1	60,0	40,0	0,0
Orquiectomia (felídeos)	14,5	_____	_____	14,5	0,0	100,0	0,0
Pericardiocentese	0,6	_____	_____	0,6	100,0	0,0	0,0
Redução Fechada	0,6	Fractura	Rádio	0,6	100,0	0,0	0,0
Toracocentese	4,4	_____	_____	4,4	28,6	71,4	0,0
Total	100,0	Total		100,0	52,2	44,7	3,1



Figura 86. Algaliação de felídeo com obstrução vesical.



Figura 87. Pericardiocentese em canídeo com tamponamento cardíaco.



Figura 88. Hemodiálise em canídeo com IRC.



Figura 89. Etapas de inseminação artificial em canídeos. (A) Preparação de mesa de instrumentos. (B) Recolha de sêmen do macho. (C) Introdução intravaginal do sêmen recolhido. (D) Elevação dos membros posteriores para evitar refluxo de sêmen.



Figura 90. Drenagem de efusão torácica – quilotoráx - em felídeo FiV e FeLV positivo.



Figura 91. Aparelho fixo de reorientação dental em canídeo.

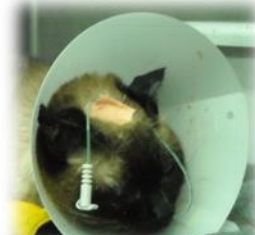


Figura 92. Entubação nasogástrica em felídeo.

2. Meios Complementares de Diagnóstico

Os meios complementares de diagnóstico são imprescindíveis para a realização de um diagnóstico definitivo, monitorização de pacientes e para que uma terapêutica correcta seja instituída.

Este capítulo encontra-se dividido em sete sub-áreas: Análises Clínicas, Anatomohistopatologia, Imagiologia, Kits de Diagnóstico Rápido, Testes Dermatológicos, Testes Oftálmicos e Outros Exames.

No HVM as Análises Clínicas foram a sub-área mais prevalente (55,2%) seguida da sub-área de Imagiologia (26,2%). Os canídeos foram a espécie mais sujeita à

realização de exames complementares de diagnóstico (65,4%), seguidos pelos felídeos com 33,5% e pelos exóticos com 1,1% (Tabela 31 e Gráfico 8).

Tabela 31. Distribuição da FR (%) por sub-área dos Meios Complementares de Diagnóstico e da FR (%) por espécie; ($n_{HVM}=1163$), em que n representa o número total de exames efectuados.

Meios Complementares de Diagnóstico	$n_{HVM}=1163$			
	FR (%)	FR (%) por Espécie		
		Canídeos	Felídeos	Exóticos
Sub-área				
Análises Clínicas	55,2	63,2	35,4	1,4
Anatomohistopatologia	7,9	71,7	26,1	2,2
Imagiologia	26,2	67,1	32,2	0,7
Kits de Diagnóstico Rápido	2,2	68,0	32,0	0,0
Testes Dermatológicos	2,1	79,2	20,8	0,0
Testes Oftálmicos	2,8	56,3	43,8	0,0
Outros Exames	3,6	69,8	30,2	0,0
Total	100,0	65,4	33,5	1,1

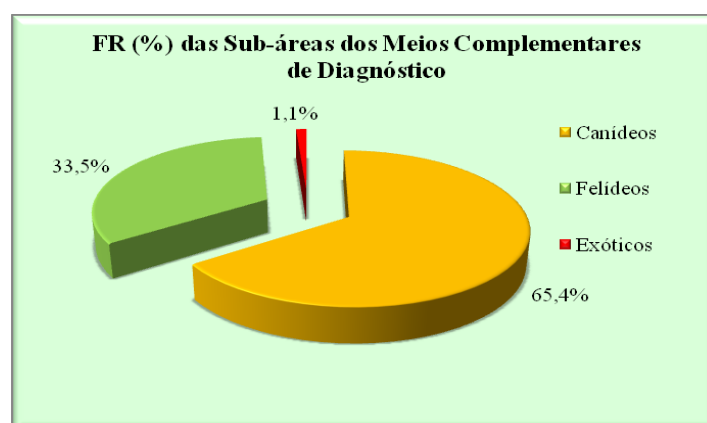


Gráfico 8. Distribuição da FR (%) por sub-área dos Meios Complementares de Diagnóstico; ($n_{HVM}=1163$), em que n representa o número total de exames efectuados.

2.1 Análises Clínicas

Na tabela 32 pode verificar-se que as áreas laboratoriais mais frequentes são a Bioquímica (49,1%) e a Hematologia (37,4%). Fosfatase Alcalina Sérica (FAS) (6,4%), da Alanina Aminotransferase (ALT) (5,9%) e das Proteínas Totais (5,9%) são as análises bioquímicas com maior expressividade. O hemograma e o microhematócrito em canídeos (50%), felídeos (47,6%) e exóticos (2,4%) são os tipos de análises de Hematologia mais frequentes.

Os canídeos, com 63,2% são a espécie na qual a realização destes exames se mostrou essencial.

Tabela 32. Distribuição da FR (%) da área por tipo analítico das Análises Clínicas efectuadas e da FR (%) por espécie; ($n_{HVM}=643$), em que n representa o número total de ocorrências observadas.

Análises Clínicas				$n_{HVM} = 643$			
Área Analítica	FR (%)	Tipo de Análise		FR (%)	FR (%) por Espécie		
					Canídeos	Felídeos	Exóticos
Bioquímica	49,1	Ácidos Biliares *	_____	0,3	100,0	0,0	0,0
		Alanina Aminotransferase (ALT)	_____	5,9	68,4	31,6	3,2
		Albumina	_____	1,6	60,0	40,0	0,0
		Amilase	_____	0,6	75,0	25,0	0,0
		Aspartato Aminotransferase (AST)	_____	3,5	71,4	28,6	0,0
		Bilirrubina Total *	_____	1,1	57,1	42,9	0,0
		Cálcio	_____	1,1	71,4	28,6	0,0
		Cloro	_____	1,2	75,0	25,0	0,0
		Colesterol	_____	1,4	66,7	33,3	0,0
		Creatinina	_____	4,8	64,5	32,3	0,0
		Fosfatase Alcalina (FAS)	_____	6,4	65,9	31,7	2,4
		Fósforo	_____	1,2	75,0	25,0	0,0
		Globulinas	_____	0,8	80,0	20,0	0,0
		Glucose	_____	5,6	61,1	38,9	0,0
		Lipase	_____	0,6	75,0	25,0	0,0
		Potássio *	_____	1,2	75,0	25,0	0,0
		Proteínas Totais	_____	5,9	57,9	39,5	2,6
		Proteínograma *	_____	0,5	100,0	0,0	0,0
		Sódio	_____	1,2	75,0	25,0	0,0
		Triglicéridos	_____	1,2	75,0	25,0	0,0
Endocrinologia	5,1	Ureia	_____	3,0	92,0	8,0	0,0
		Doseamento do Cortisol *	_____	0,9	100,0	0,0	0,0
		Teste de Estimulação pela Hormona Adrenocorticotrófica (ACTH) *	_____	0,9	100,0	0,0	0,0
		Teste de Supressão com baixas doses de Dexametasona *	_____	0,9	100,0	0,0	0,0
		Tiroxina Total (T4) *	_____	1,8	81,8	18,2	0,0
Hematologia	37,4	Hormona Estimulante da Tiróide (TSH) *	_____	0,6	100,0	0,0	0,0
		Esfregaço Sanguíneo	_____	12,8	46,0	50,8	3,2
		Hemograma	_____	23,1	50,0	47,6	2,4
		Provas de coagulação *	Fibrinogénico	0,5	100,0	0,0	0,0
			Tempo de Protrombina (TP)	0,5	100,0	0,0	0,0
			Tempo Tromboplastina Parcial Activada (TTPA)	0,5	100,0	0,0	0,0
Imunologia •	3,0	Microhematócrito	_____	13,1	50,0	47,6	2,4
		<i>Babesia Canis</i>	_____	0,3	100,0	0,0	0,0
		<i>Dirofilaria immitis</i>	_____	0,2	100,0	0,0	0,0
		<i>Ehrlichia Canis</i>	_____	0,5	100,0	0,0	0,0
		Esgana	_____	0,3	100,0	0,0	0,0
		FeLV	_____	0,2	0,0	100,0	0,0
		FIV	_____	0,2	0,0	100,0	0,0
		<i>Leishmania infantum</i>	_____	0,2	100,0	0,0	0,0
		<i>Leptospira interrogans</i>	_____	0,2	100,0	0,0	0,0
		PIF	_____	0,6	0,0	100,0	0,0
Urianálise	5,4	<i>Rickettsia conorii</i>	_____	0,3	100,0	0,0	0,0
		Tipo II	_____	4,3	71,4	28,6	0,0
Total	100,0	Urocultura *	_____	1,1	71,4	28,6	0,0
		Total		100,0	63,2	35,4	1,4

*Análise não realizada no HVM



Figura 93. Máquina de análises bioquímicas. (Modelo: Fujifilm dri-chem 4000i).

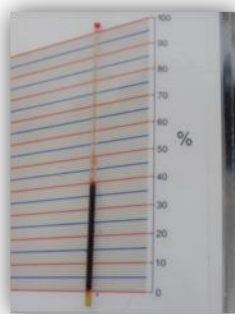


Figura 94. Microhematócrito.



Figura 95. Amostras serológicas para doseamento do cortisol em canídeo sujeito à administração de baixas doses de Dexametasona.

2.2 Anatomohistopatologia

A histopatologia por biópsia é o exame com maior representatividade (43,5%) seguida da citologia de cerúmen auricular (17,4%). Os canídeos são a espécie mais representada (71,7%) seguida dos felídeos (26,1%) (Tabela 33).

Tabela 33. Distribuição da FR (%) da área analítica da Anatomohistopatologia e da FR (%) por espécie; ($n_{HVM}=92$), em que n representa o número total de análises realizadas e/ou requisitadas.

Anatomohistopatologia		n _{HVM} =92			
		FR (%)	FR (%) por Espécie		
Exame			Canídeos	Felídeos	Exóticos
Citologia	Abdominocentese	3,3	66,7	33,3	0,0
	Pericardiocentese	1,1	100,0	0,0	0,0
	Toracocentese	7,6	28,6	71,4	0,0
	Aposição	8,7	62,5	37,5	0,0
	Cerúmen auricular	17,4	75,0	25,0	0,0
	PAAF	13,0	66,7	33,3	0,0
Histopatologia *	Biópsia	43,5	85,0	15,0	0,0
Necrópsia	_____	5,4	40,0	20,0	4,0
Total		100,0	71,7	26,1	2,2

*Análise não realizada no HVM



Figura 96. Necrópsia de Leporídeo.



Figura 97. Amostras anatomopatológicas obtidas por biópsia.

2.3 Imagiologia

As radiografias simples de abdómen e de membro torácico, corresponderam aos exames imagiológicos mais realizados (16,7%). Seguem-se a ecografia abdominal (8,9%) e a pélvica com 7,4%.

Relativamente à espécie, os canídeos representam a maioria (67,2%) dos animais examinados (Tabela 34).

Tabela 34. Distribuição da FR (%) do tipo de exame por categoria da Imagiologia e FR (%) por espécie; ($n_{HVM}=304$), em que n representa o número total de exames realizados.

Imagiologia			$n_{HVM} = 304$			
Tipo Exame	FR(%)	Categoria	FR (%)	FR (%) por Espécie		
				Canídeos	Felídeos	Exóticos
Ecocardiografia	1,9	_____	1,9	100,0	0,0	0,0
Ecografia	17,2	Abdominal	8,9	78,4	21,6	0,0
		Musculo-cutânea	0,7	66,7	33,3	0,0
		Pélvica	7,4	64,5	32,3	3,2
		Testicular	0,2	100,0	0,0	0,0
Endoscopia	3,3	Colonoscopia	0,2	100,0	0,0	0,0
		Esofagoscopia	0,5	100,0	0,0	0,0
		Gastrosopia	2,2	100,0	0,0	0,0
		Rinoscopia	0,5	100,0	0,0	0,0
Radiografia Contrastada	3,1	Mielografia	2,4	100,0	0,0	0,0
		Trânsito Baritado	0,7	100,0	0,0	0,0
Radiografia Simples	73,3	Abdómen	16,7	57,1	42,9	0,0
		Coluna Vertebral	5,0	57,1	42,9	0,0
		Crânio	1,0	50,0	25,0	25,0
		Membro Pélvico	14,5	66,2	33,8	0,0
		Membro Torácico	16,7	64,3	35,7	0,0
		Pélvis	6,0	64,0	36,0	0,0
		Tarso-Metatarso-Falangica	0,2	0,0	100,0	0,0
		Tórax	12,0	62,0	38,0	0,0
Retinografia	0,2	_____	0,2	100,0	0,0	0,0
TAC	1,0	_____	1,0	100,0	0,0	0,0
Total	100,0	Total	100,0	67,2	32,3	0,5

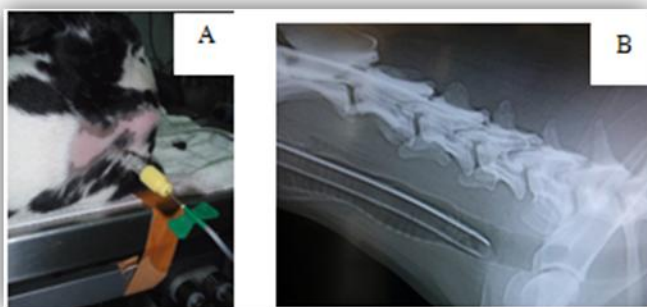


Figura 98. Mielografia em canídeo. Introdução do contraste (A) Radiografia contrastada. Note-se o estreitamento do espaço discal entre C5-C6 (projecção latero-lateral direita) (B).



Figura 99. TAC em canídeo.

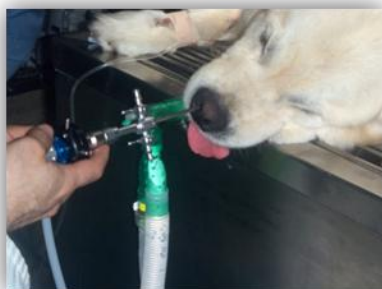


Figura 100. Rinoscopia em canídeo com epistáxis.



Figura 101. Ecografia das glândulas adrenais de canídeo com hiperadrenocorticismo.

2.4 Testes Dermatológicos

A citologia por aposição (32%) seguida do cultivo fúngico e das raspagens cutâneas, ambos com 20% são os testes dermatológicos mais frequentes. O teste de *scotch* (12%) é realizado na totalidade dos canídeos (Tabela 35).

Tabela 35. Distribuição da FR (%) dos Testes Dermatológicos efectuados e FR (%) por espécie; ($n_{HVM}=25$), em que n representa o número total de testes realizados.

Testes Dermatológicos	$n_{HVM} = 25$			
	FR (%)	FR (%) por Espécie		
		Canídeos	Felídeos	Exóticos
Citologia por Aposição	32,0	75,0	25,0	0,0
Cultivo Fúngico	20,0	40,0	60,0	0,0
Raspagens Cutâneas	20,0	80,0	20,0	0,0
Teste de <i>scotch</i>	12,0	100,0	0,0	0,0
Tricograma	16,0	50,0	50,0	0,0
Total	100,0	68,0	32,0	0,0

2.5 Testes Oftalmológicos

Na tabela 36, pode observar-se que o teste oftalmológico com maior expressão é o teste da fluoresceína (50,0%) utilizado maioritariamente na detecção de úlceras da

córnea, e que o teste de *Schirmer* é o segundo teste mais realizado (45,8%) - permite quantificar a produção de lágrima. Os canídeos são a espécie com mais testes dermatológicos (79,2%).

Tabela 36. Distribuição da FR (%) dos Testes Oftalmológicos efectuados e da FR (%) por espécie; ($n_{HVM}=24$), em que n representa o número total de testes realizados.

Testes Oftalmológicos	$n_{HVM}=24$			
	FR (%)	FR (%) por Espécie		
		Canídeos	Felídeos	Exóticos
Retinografia	4,2	100,0	0,0	0,0
Teste Fluoresceína	50,0	66,7	33,3	0,0
Teste de <i>Schirmer</i>	45,8	90,9	9,1	0,0
Total	100,0	79,2	20,8	0,0

2.6 Kits de Diagnóstico Rápido

Os Kits de Diagnóstico Rápido para o diagnóstico de FiV/FeLV (43,8%) e Parvovirose (21,9%) são os mais utilizados nas consultas. Os Kits de Dirofilariose (15,6%) e Leishmaniose (18,8%) são os menos utilizados pelos clínicos, este facto prende-se com o que já foi mencionado anteriormente: a época do ano e zona geográfica em que se encontra a cidade do Porto não eram propícias ao desenvolvimento dos vectores (*Culicídeos* e *Phlebotomus spp.*) destas parasitoses.

A espécie mais sujeita à realização destes testes é a dos canídeos (56,2%), seguido dos felídeos (43,8%) (Tabela 37).

Tabela 37. Distribuição da FR (%) dos Kits de Diagnóstico Rápido efectuados e da FR (%) por espécie; ($n_{HVM}=32$), em que n representa o número total de kits realizados.

Kits de Diagnóstico Rápido	$n_{HVM}=32$			
	FR (%)	FR (%) por Espécie		
		Canídeos	Felídeos	Exóticos
Dirofilariose	15,6	100,0	0,0	0,0
FiV/FeLV	43,8	0,0	100,0	0,0
Leishmaniose	18,8	100,0	0,0	0,0
Parvovirose	21,9	100,0	0,0	0,0
Total	100,0	56,2	43,8	0,0

3.7 Outros Exames

A Medição da Pressão Sanguínea foi o exame mais realizado em canídeos (69,2%). O Electrocardiograma constituiu 43,3% dos exames realizados, com maior impacto nos canídeos, com 70,6% (Tabela 38).

Tabela 38. Distribuição da FR (%) de outros exames efectuados e da FR (%) por espécie; ($n_{HVM}=43$), em que n representa o número total de outros exames realizados.

Tipo de Outros Exames	$n_{HVM}=43$			
	FR (%)	FR (%) por Espécie		
		Canídeos	Felídeos	Exóticos
Electrocardiograma	43,3	70,6	29,4	0,0
Medição da Pressão Sanguínea	56,7	69,2	30,8	0,0
Total	100,0	69,8	30,2	0,0

3. Procedimentos de Eutanásia

No HVM a imposição de termo à vida de um animal só é efectuada mediante a tomada de consciência por parte do proprietário do declínio da qualidade de vida do mesmo.

Neste contexto, após uma breve explicação do procedimento, o Médico-Veterinário em conjunto com o proprietário determinam a altura em que os procedimentos de eutanásia devem ocorrer.

Como futura clínica tomei consciência de que nesta área da Medicina Veterinária o “humanismo” e a sensibilidade pessoais são levados a extremos, apesar da postura profissional ter de ser mantida. Foram situações emocionalmente marcantes a nível pessoal, mas que me ajudaram a alcançar maior maturidade em termos profissionais.

Foi na área clínica de Doenças Infecciosas que foram eutanasiados um maior número de animais (33,3%) maioritariamente felídeos diagnosticados com FeLV (12,7%).

Em seguida encontra-se a área da Gastroenterologia e Glândulas Anexas (12,8%) em que as patologias relacionadas com o fígado são as mais frequentes: insuficiência hepática (5,1%) e lípidose hepática (5,1%).

A espécie mais afectada é os canídeos (51,2%), seguida dos felídeos (46,2%) e dos exóticos (2,6%) (Tabela 39).

Tabela 39. Distribuição da FR (%) da área clínica por motivo dos Procedimentos de Eutanásia realizados e da FR (%) por espécie; ($n_{HVM}=39$), em que n representa o número total de procedimentos de Eutanásia efectuados.

Procedimentos de Eutanásia				$n_{HVM}=39$			
Área Clínica	FR (%)	Motivo		FR (%)	FR (%) por Espécie		
					Canídeos	Felídeos	Exóticos
Artrologia, Ortopedia e Traumatologia	10,3	Neoplasia	Osteosarcoma	7,7	100,0	0,0	0,0
		Fractura Coluna Vertebral (vértebras)	Perda de sensibilidade profunda	2,6	100,0	0,0	0,0
Cardiologia	2,6	Insuficiência Cardíaca	_____	2,6	100,0	0,0	0,0
Doenças Infecciosas	33,3	FeLV	_____	12,7	0,0	100,0	0,0
		FiV	_____	10,3	0,0	100,0	0,0
		PIF	_____	10,3	0,0	100,0	0,0
Doenças Parasitárias	5,0	Leishmaniose	_____	5,0	100,0	0,0	0,0
Gastrenterologia e Glândulas Anexas	12,8	Hepatopatia	Insuficiência Hepática	5,1	100,0	0,0	0,0
			Lipidose Hepática	5,1	0,0	50,0	50,0
		Síndrome de Dilatação/Torção Gástrica	_____	2,6	100,0	0,0	0,0
Hematologia	2,6	Neoplasia	Hemangiosarcoma	2,6	100,0	0,0	0,0
Neurologia	7,7	Encéfalo/Meninges	Epilepsia	2,6	100,0	0,0	0,0
			Crises convulsivas (Intoxicação)	5,1	100,0	0,0	0,0
Estomatologia	7,7	Fenda Palatina	Congénita	5,1	50,0	50,0	0,0
		Neoplasia	Linfoma Cutâneo Epiteliotrópico	2,6	100,0	0,0	0,0
Oncologia	10,3	Linfoma	Multicêntrico	2,6	100,0	0,0	0,0
		Metástases Pulmonares	_____	5,1	50,0	50,0	0,0
		Neoplasia Abdominal	_____	2,6	0,0	100,0	0,0
Urologia	7,7	IRC	_____	7,7	66,7	33,3	0,0
Total	100,0	Total		100,0	51,2	46,2	2,6